

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

PROJETO PEDAGÓGICO CURRICULAR
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
BACHARELADO

2018

Revisão 2022.1

Sumário

1 – Apresentação

- 1.1 – Histórico
- 1.2 – Inserção institucional, geográfica e social
- 1.3 – Nova proposta curricular

2 – Perfil do curso

- 2.1 – Princípios da nova estrutura curricular
- 2.2 – Objetivos gerais
- 2.3 – Objetivos específicos

3 – Condições objetivas de oferta e vocação do curso

- 3.1 – Carga horária e periodização
 - 3.1.1 – *Nova estrutura curricular*
 - 3.1.2 – *Distribuição de disciplinas e requisitos curriculares suplementares*
- 3.2 – Metodologias de ensino-aprendizagem
- 3.3 – Formas de efetivação da interdisciplinaridade
- 3.4 – Modos de integração entre teoria e prática
- 3.5 – Formas de avaliação do ensino e da aprendizagem
 - 3.5.1 – *Avaliação de discentes*
 - 3.5.2 – *Avaliação de docentes*
 - 3.5.3 – *Avaliação institucional*
- 3.6 – Modos de integração entre graduação e pós-graduação
- 3.7 – Incentivo à pesquisa e à extensão
- 3.8 – Regulamentação das atividades do Trabalho de Conclusão de Curso
- 3.9 – Regulamentação do estágio curricular supervisionado
- 3.10 – Concepção e composição das atividades complementares
- 3.11 – Atividades de Extensão

4 – Perfil do egresso

5 – Ementas

- 5.1 – Disciplinas e Requisitos Obrigatórios
- 5.2 – Requisitos Curriculares Suplementares
 - 5.2.1 – *Estágio Supervisionado*
 - 5.2.2 – *Projeto Experimental*

5.2.3 – *Extensão*

5.2.4 – *Intercâmbio*

5.2.5 – *Laboratórios*

5.3 – Disciplinas Complementares de Escolha Condicionada

5.3.1 – *Formação para pesquisa*

5.3.2 – *Jornalismo especializado*

5.3.3 – *Jornalismo audiovisual e digital*

5.3.4 – *Jornalismo gráfico e fotográfico*

5.3.5 – *Gestão e inovação em jornalismo*

5.4 – Atividades complementares

6 - Adequação à Legislação

7 - Regras de transição

Anexos

- I. Comparativo entre Eixos de Formação
- II. Comparativo entre Currículos
- III. Distribuição dos Eixos de Formação por Período
- IV. Comparativo entre Trilhas
- V. Grade Curricular Graduação em Jornalismo
- VI. Disciplinas da Trilha de Formação para Pesquisa
- VII. Disciplinas da Trilha de Jornalismo Especializado
- VIII. Disciplinas da Trilha de Jornalismo Audiovisual e Digital
- IX. Disciplinas da Trilha de Jornalismo Gráfico e Fotográfico
- X. Disciplinas da Trilha de Gestão e Inovação em Jornalismo
- XI. Regulamento do Programa de Estágio Supervisionado em Jornalismo
- XII. Atividades Remotas – ref. Portaria MEC 544/2020
- XIII. Regulamentação do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

1 – Apresentação

Em um contexto de rápida mutação tecnológica, que atinge em cheio os meios de comunicação alterando o mercado de trabalho em função da substituição das plataformas analógicas pelas digitais, com inserção de novas ferramentas para produzir e divulgar notícias, alterando a relação com as fontes e até mesmo a forma de consumir informação, tornou-se urgente reformular o projeto pedagógico do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), adaptando-o à Resolução nº 1 do Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior (CNE/CES) do Ministério da Educação, de 27 de setembro de 2013, que instituiu as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Jornalismo.

Implantado em 2001, o projeto pedagógico até então em vigor dava ênfase ao jornalismo impresso, sem disciplinas obrigatórias voltadas para a produção de conteúdo em mídia digital. Embora contasse com obrigatórias de rádio e tevê, estava longe da realidade em que os veículos de comunicação tradicionais, como jornais, revistas, tevês e rádios, passam a competir pela atenção do público não só entre si, mas também com sites e redes sociais.

Quase duas décadas depois, as tecnologias de informação colocaram em campo novos métodos e conexões, cujo poder e alcance ainda não tinham sido claramente percebidos no início do novo século, quando foi feita a última reforma curricular da Escola de Comunicação. É preciso, portanto, adaptar o curso a uma nova realidade, marcada pela convergência de meios e pela crescente preponderância da mídia digital em relação ao jornalismo impresso.

Os profissionais formados já encontram um cenário marcado pelo jornalismo pós-industrial, hiperlocal, produzido e consumido em dispositivos móveis, com imagens captadas por equipamentos cada vez mais ágeis. Se no passado recente ainda fazia-se valer o mote de que jornalismo se aprende na prática, no dia a dia das redações, hoje o mercado exige que o futuro jornalista já saia da faculdade com uma série de habilidades que ultrapassam o domínio do texto e a compreensão dos critérios de noticiabilidade. Num ambiente multimídia, ele deve ser capaz de apurar, escrever, editar, diagramar, fotografar, manejar dados, produzir infográficos interativos, alimentar as mídias sociais, usar ferramentas como geolocalização, utilizar realidade virtual e aumentada, roteirizar,

filmar, apresentar, divulgar e pensar em possíveis modelos de negócio para a empresa a que presta serviço ou a criar e gerir seu próprio empreendimento.

Mais do que nunca, é preciso preparar o jornalista para abordar de forma consistente temas fundamentais para a população como um todo, da mudança climática às questões de gênero, das tensões políticas resultantes do processo de globalização às descobertas científicas. A formação universitária deve incentivá-lo a compreender e a refletir sobre as realidades culturais, políticas e econômicas em sua complexidade, a partir de ferramentas analíticas e teóricas oferecidas pelas ciências humanas.

Os desafios são muitos e exigem que se abra ao jornalista e às faculdades de Jornalismo uma estrutura permeável às novas possibilidades de atuação no campo da comunicação. O objetivo primordial é garantir uma formação integrada que ajude o aluno a enxergar novas oportunidades criativas abertas pelas mídias digitais. Se, no jornalismo tradicional, funções como pauteiro e revisor entraram em extinção, outras surgiram, como curador de informação, produtor de conteúdo para celular, e analista de mídias sociais.

Em um ambiente profissional marcado pelo fechamento de vários órgãos de imprensa e pela convergência das equipes, pelo imediatismo da busca da notícia em tempo real, pela valorização da opinião em detrimento da investigação, pela multiplicação das notícias falsas e falta de checagem, pela competição com fontes alternativas, pela busca de audiência, compartilhamentos e “curtidas” a qualquer custo, os cursos de Jornalismo precisam, mais do que nunca, ajudar os alunos a refletir criticamente sobre sua missão na sociedade, debatendo questões cruciais como a ética e a deontologia de seu campo de ação profissional.

Não basta prepará-los para o jornalismo tal como é feito hoje, mas permitir que usem o conhecimento adquirido na universidade para pensar como o jornalismo pode ser permanentemente reelaborado, preparando o futuro profissional para um tipo de jornalismo que pode funcionar em qualquer suporte. A universidade deve consolidar-se como espaço de experimentação de novos modelos de narrativa jornalística, estimulando ainda a inovação e a abertura para a mídia independente.

Os desafios dos cursos de Jornalismo para implantar um novo projeto pedagógico, antenado com a nova realidade social e com uma era em que os meios de comunicação não são mais os únicos detentores do poder de difundir informação, são grandes.

1.1 – Histórico

A história do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro é a própria história dos cursos de Comunicação Social no país, iniciada quando o Decreto-Lei 5.840, de 13 de maio de 1943, instituiu o curso de Jornalismo como parte do sistema de ensino superior. Organizado em dezembro de 1946 e reorganizado em março de 1948, foi finalmente inaugurado em abril de 1948, ministrado na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Inicialmente, o curso tinha duração de três anos, divididos em dois primeiros anos de estudo básico, com dez disciplinas obrigatórias, quatro das quais relativas à técnica jornalística, e mais um ano de especialização, com dez disciplinas, sendo duas de caráter mais técnico. A primeira turma de jornalistas colou grau em 1950. Entre os primeiros professores estavam relevantes jornalistas da imprensa carioca, como Pompeu de Sousa e Danton Jobim, responsáveis por importantes reformas no jornal *Diário Carioca* nos anos 1950, um marco para a atividade jornalística do país.

A partir de 1962, o ensino de Jornalismo passou a obedecer a um currículo mínimo, estabelecido pelo Parecer 323/62 do Conselho Federal de Educação ao Ministério da Educação. Sete anos depois, em 1969, o diploma se tornou obrigatório e os cursos de Jornalismo deixaram de ser autônomos, transformando-se numa habilitação dentro do curso de Comunicação Social. Até aquele momento, os outros dois currículos anteriores, de 1962 e 1966, tratavam apenas de jornalismo.

Dois anos antes da incorporação do Jornalismo ao curso de Comunicação Social, em 13 de março de 1967 foi criada a Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, uma das unidades integrantes do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade. Já como unidade autônoma, a Escola foi instalada, em 4 de março de 1968, no antigo prédio do Instituto de Eletrotécnica, na Praça da República, número 22, com corpo docente oriundo do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia.

A mudança para as instalações do campus da Praia Vermelha, em 1971, veio acompanhada da reformulação do currículo, da renovação do corpo docente e da criação do curso de pós-graduação, em 1972. A ECO passou então a ser unidade de ensino, pesquisa e extensão em Comunicação Social. A nova escola investiu em um ciclo básico transdisciplinar comum a todas as habilitações, responsável pela excelente formação intelectual teórico-crítica que até hoje caracteriza os egressos da ECO.

1.2 – Inserção institucional, geográfica e social

A cidade do Rio de Janeiro, onde está instalada a Escola de Comunicação da UFRJ, é um dos maiores centros urbanos do Brasil, além de um tradicional polo de empresas de comunicação. Jornais, revistas, emissoras de televisão, canais a cabo, provedores de internet, sites e blogs jornalísticos, assessorias de imprensa e de comunicação empresarial, operadoras de telecomunicações, produtoras de cinema, vídeo e conteúdo digital, desenvolvedores de conteúdo para celular, editoras de livros, agências literárias, empresas de propaganda e de marketing: muitos dos maiores grupos de mídia (impressa, eletrônica ou digital) do país estão instalados a sua volta.

Não se pode esquecer ainda as empresas públicas e privadas que, embora não tenham o jornalismo como atividade-fim, recorrem a profissionais com graduação em Jornalismo para mediar seu relacionamento com a sociedade em geral e a qualificar internamente a comunicação com seus funcionários.

Além das grandes corporações midiáticas de alcance nacional e internacional, o Rio de Janeiro sedia ainda uma série de ONGs e instituições voltadas para a democratização da mídia que produzem conteúdos alternativos, além de *startups* de mídia independentes e veículos de comunicação comunitária.

A posição geográfica da Escola, situada no Campus da Praia Vermelha, na Zona Sul da cidade, permite que os estudantes possam se deslocar rapidamente para estúdios e trabalhos de campo, como entrevistas e gravações. Eles contam com linhas de ônibus e a estação de metrô de Botafogo, que permite conexão com a rede de transportes urbanos e interurbanos (ônibus, BRT, VLT, trens etc.) das zonas norte e oeste, além dos municípios da Baixada Fluminense. Tais facilidades de acesso atraem alunos com histórias de vida bastante diversificadas.

Na ECO, a diversidade é vista nos corredores e salas de aula e nas parcerias em trabalhos e pesquisas. Por conta da adoção do sistema de cotas e de novos mecanismos de ingresso, como o Enem e o SISU, a UFRJ passou a receber estudantes do Brasil inteiro. Especialmente para o curso de Jornalismo, que tradicionalmente já contava com alunos de todas as regiões do país, interessados em um mercado de trabalho que concentra no Rio de Janeiro algumas das principais empresas de comunicação. Alunos provenientes da Universidade Federal do Rio de Janeiro têm tradicionalmente um lugar de destaque nesse mercado, tanto local quanto nacional. A Escola de Comunicação da UFRJ atua ainda como um polo gerador de eventos, projetos de extensão e pesquisas em prol de um mundo digital livre, aberto, popular e democrático.

1.3 – Nova proposta curricular

O currículo de Jornalismo vigente na ECO até 2018 foi implementado em 2001, quando foi adotada a entrada única para o curso de Comunicação Social, com a opção de habilitação adiada para o fim do terceiro período curricular. Foi então criado o Ciclo Comum às habilitações nos três primeiros semestres do curso, ampliando o número de disciplinas complementares – divididas entre eletivas de teoria, habilitação e livre escolha – e reduzindo o número de pré-requisitos, o que viabilizou a maior participação do estudante em estágios, pesquisas e atividades de extensão.

Cinco anos após a adoção desse novo currículo na ECO, em abril de 2006 o 9º Encontro do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo aprovou uma resolução recomendando ao Ministério de Educação que os Cursos de Jornalismo deveriam constituir graduação específica em Jornalismo, e não mais uma habilitação dos cursos de Comunicação Social. Pouco depois, em julho, o 32º Congresso Nacional dos Jornalistas aprovou uma resolução na mesma direção.

Em fevereiro de 2009, uma Comissão de Especialistas recebeu do Ministro da Educação Fernando Haddad “a missão de repensar o ensino de Jornalismo no contexto de uma sociedade em processo de transformação”. Segundo seu relatório final¹, “foram realizadas três audiências públicas, abertas à participação de todos os agentes dos processos jornalísticos: no Rio de Janeiro, professores, estudantes, pesquisadores, dirigentes de escolas, cursos, departamentos de ensino e pesquisa expressaram suas aspirações, representando a comunidade acadêmica; no Recife, foi a vez da comunidade profissional, representada pelas organizações sindicais ou corporativas: empresas, setor público e terceiro setor; em São Paulo manifestaram-se lideranças e representantes da sociedade civil organizada: advogados, psicólogos, educadores, religiosos, ecologistas, bem como outros segmentos comunitários.”

Além das audiências, uma consulta pública foi realizada no portal do MEC na internet, o que, segundo o mesmo relatório final, “permitiu o recebimento de uma centena de sugestões de todos os quadrantes do território nacional”. O documento aponta também que o presidente e alguns membros da comissão “ouviram as propostas específicas de empresários, profissionais renomados, líderes estudantis, docentes e pesquisadores, acolhendo todos os subsídios possíveis”.

¹ http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf

Em meio ao trabalho da comissão, em junho de 2009 o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por maioria, declarar inconstitucional a exigência do diploma de curso superior de jornalismo e registro profissional no Ministério do Trabalho como condição para o exercício da profissão de jornalista, vigente desde outubro de 1969, durante o regime militar. Além disso, também em junho de 2009, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) anunciou a nova regulamentação do mestrado profissional, formalizada em dezembro daquele ano.

O relatório final da Comissão de Especialistas em Ensino de Jornalismo foi entregue ao Ministério da Educação em setembro de 2009. A proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo foi encaminhada ao Conselho Nacional de Educação (CNE) em abril de 2010 e distribuída, em junho, para a Comissão formada pelos conselheiros Arthur Roquete de Macedo (presidente) e Reynaldo Fernandes (relator).

Em outubro de 2010, a Comissão do CNE/CES realizou audiência pública em Brasília, com representantes de entidades profissionais e acadêmicas ligadas ao jornalismo – entre as quais a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e a Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) – que, segundo o Parecer 39/2013², “manifestaram apoio à proposta elaborada pela Comissão de Especialistas”. O parecer destaca que “duas entidades se manifestaram claramente contrárias à proposta de Diretrizes”: a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos).

O parecer da Comissão do CNE/CES foi publicado no DOU em 12 de setembro de 2009 e balizou a Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013³, que “Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências”.

Entre as principais mudanças, as novas diretrizes estabelecem a entrada em Jornalismo separada das demais habilitações de Comunicação Social, criando na prática um novo curso, com obrigatoriedade de oferta de disciplinas e laboratórios específicos de Jornalismo desde o primeiro semestre, o que torna inviável a manutenção do atual ciclo comum existente na ECO.

² http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13063-pces039-13-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192

³ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192

Para implementar a reforma, em novembro de 2015 foi criado na Escola um Núcleo Docente Estruturante específico para o curso de Jornalismo. O grupo, formado pela então coordenadora do curso, Cristiane Henriques Costa, e pelos professores Cristina Rego Monteiro da Luz e Fernando Ewerton Fernandez Jr., é o responsável pela elaboração desta proposta.

Foi criado também, pelo Centro Acadêmico dos estudantes, um Núcleo Discente Estruturante, formado especificamente por alunos de Jornalismo, para acompanhar o desenvolvimento do projeto e organizar um seminário para discutir a reforma (realizado em 16 e 17 maio de 2016), com participação de ex-alunos e profissionais ativos no mercado. Durante dois meses, entre 21 de setembro e 20 de novembro de 2016, alunos e ex-alunos também participaram de uma consulta pública aberta no site da Escola de Comunicação, com sugestões de disciplinas que foram incorporadas aos debates do NDE.

Paralelamente, foram solicitadas e recebidas por e-mail sugestões dos professores diretamente envolvidos no curso de Jornalismo, com os quais foram realizadas cinco reuniões presenciais ao longo do segundo semestre de 2016, com a participação de eméritos e titulares, para discutir o novo projeto pedagógico.

Uma pasta com todas as informações, atas das reuniões presenciais, grade curricular comparada, lista das modificações propostas pelo corpo docente e discente, além da íntegra das novas diretrizes curriculares, foi aberta na nuvem, para compartilhar informações com todos os interessados. Também foi aberto um fórum de discussão, para que todos os professores de Jornalismo pudessem registrar suas sugestões.

Ao longo de 2017, os resultados dessas consultas foram sistematizados em propostas de grade e ementas apresentadas aos três departamentos da ECO, em reuniões com os professores de cada departamento, e debatidas pelo NDE em núcleos temáticos com professores de fotografia, linguagem gráfica e linguagem audiovisual.

As propostas de ementas de disciplinas foram distribuídas por correio eletrônico a todos os professores envolvidos e uma versão da grade total e das ementas obrigatórias foi aprovada em reunião com professores de Jornalismo, no dia 5 de maio de 2017, para apresentação às instâncias colegiadas da Escola (Conselho Departamental e Congregação), onde foram novamente objeto de análise, com ajustes e alterações sugeridos sendo incorporados a esta proposta final.

2 – Perfil do curso

A tecnologia acelera registros, mas inibe o tempo de reflexão. Isso faz com que cresça o grau de exigência no preparo dos profissionais que registram, escrevem, criticam, editam, enquadram, filmam, diagramam e divulgam a notícia, nos mais diversos suportes. Por isso, mais do que um diploma, o curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da UFRJ tem como objetivo garantir a formação de profissionais com competência intelectual e técnica para lidar com a realidade social, cultural, econômica e política nacional e global, praticando o jornalismo de forma responsável e ética.

Se os desafios são muitos, também se abrem ao jornalista e às faculdades de Jornalismo novas possibilidades quando o curso deixa de ser apenas uma habilitação de Comunicação Social e passa a ocupar integralmente a grade curricular. Não basta preparar o aluno para o jornalismo tal como é feito nos dias de hoje. O conhecimento adquirido na universidade deve fornecer a ele as ferramentas para pensar o aprimoramento constante da profissão.

Para tanto, o curso se propõe a ser um espaço de experimentação de novos modelos de narrativa jornalística, estimulando o espírito inovador para explorar novos espaços de circulação de informação de qualidade, necessária à construção de uma sociedade participativa.

2.1 – Princípios da nova Estrutura Curricular

- Abertura do currículo para a incorporação, sempre que necessário, de novas disciplinas que possibilitem o acompanhamento das mudanças tecnológicas, de novas modalidades e linguagens.
- Ampliação da autonomia do estudante para organizar seus horários, objetivos e direcionamento.
- Redistribuição das atividades de ensino teóricas e práticas ao longo de todo o curso, quebrando a forma anterior de “primeiro teoria, depois prática”, sem deixar de lado a ênfase na formação intelectual e humanística que caracteriza a ECO.
- Acesso dos alunos, desde os períodos iniciais, aos meios de produção e laboratórios de Jornalismo, além de disciplinas das outras habilitações da ECO.
- Permitir que os alunos possam, em qualquer período do curso, se engajar em projetos de extensão universitária.

- Reconhecer a permeabilidade crescente, dada a evolução dos recursos tecnológicos e a convergência das redações, entre as linguagens jornalísticas, oferecendo ao futuro jornalista um conhecimento mínimo de todas as áreas de atuação.
- Preparar o futuro jornalista para gerir de forma autônoma seu projeto profissional.

2.2 – Objetivos gerais

A formação acadêmica deve preparar o jornalista para o exercício da uma profissão cada vez mais complexa. É na universidade que o futuro profissional vai aprender não apenas as técnicas de reportagem, de entrevista e pesquisa nos mais diferentes meios, mas também a refletir sobre a responsabilidade social de sua atividade e o poder dos meios de comunicação, a fim de que possa tomar decisões responsáveis no seu dia-a-dia profissional, compatíveis com o direito à informação, à liberdade de expressão e o interesse público, uma vez que o jornalismo exercido de forma ética é fundamental para a vida das sociedades democráticas.

Uma das mais marcantes características do curso de Jornalismo da UFRJ, presente desde a fundação, é a ênfase na formação intelectual do futuro profissional, de forma a permitir que seja capaz de refletir criticamente sobre a conjuntura social, cultural, política e econômica e sobre as práticas discursivas da mídia.

O curso tem por objetivo preparar profissionais de jornalismo com domínio das diferentes mídias, ampliando seu campo de atuação, capazes de criar e gerir projetos e iniciativas próprias.

A partir destas premissas, o Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro está estruturado para cumprir os seguintes objetivos gerais:

- Articular disciplinas práticas e teóricas que proporcionem uma sólida base intelectual ao estudante de jornalismo;
- Oferecer base conceitual e conhecimento histórico para que o aluno possa compreender, de forma plena, as implicações da atividade jornalística no fortalecimento da democracia e da diversidade cultural;
- Capacitar o futuro jornalista a atuar num mercado de grande complexidade e em mutação, não mais centrado na imprensa escrita e no modelo industrial de jornalismo;
- Preparar o aluno para atuar num ambiente multimídia, manejando as ferramentas técnicas e linguagens características dos diferentes meios de comunicação;

- Desenvolver a capacidade criativa do futuro profissional, bem como sua capacidade de trabalhar em grupo (equipe definida) ou em rede (trabalho aberto e colaborativo), estimulando a criação de projetos de mídia independente.

2.3 – Objetivos específicos

Além de transmitir ao aluno a formação geral em Ciências Humanas, o curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro busca prepará-lo para a prática profissional, num contexto de convergência midiática, habilitando-o a atuar em veículos como rádio, jornal, revista, televisão e mídias digitais, assim como na comunicação institucional e nas assessorias de imprensa e de comunicação corporativa.

O curso procura encorajar não só a criação de produtos jornalísticos nas mídias tradicionais, mas também em novos suportes. É objetivo do curso estimular o processo criativo do aluno no campo da linguagem verbal e gráfica, assim como audiovisual, requisito fundamental para o pleno exercício da profissão de jornalista frente aos avanços tecnológicos da área. Busca ainda preparar o estudante para uma realidade do jornalismo pós-industrial, para atuar em veículos de comunicação comunitários e projetos independentes, incentivando a inovação e a criatividade.

O curso de Jornalismo da UFRJ reflete demandas específicas do mercado de trabalho carioca e nacional. E também dos próprios estudantes. Não raro, nossos alunos ingressam imediatamente na pós-graduação ou se dedicam a ela depois de ganharem experiência nas redações, devido ao estímulo intelectual presente ao longo de toda a graduação. Pelo perfil de seus alunos e professores, assim como sua relação próxima com os vários programas de pós-graduação da Escola de Comunicação, um dos objetivos específicos do curso de Jornalismo da UFRJ é contribuir com a pesquisa tanto no campo do Jornalismo quanto de forma interdisciplinar, valorizando a troca de saberes entre a produção acadêmica e jornalistas e incentivando uma atitude investigativa que favoreça o processo contínuo de construção do conhecimento no campo do jornalismo.

Por sua vez, o ingresso no mercado de trabalho jornalístico se dá por várias vias. Nossos alunos vêm de todo o Brasil buscando uma oportunidade de trabalhar nos veículos de comunicação tradicionais, num cenário em que as redações de jornais, revistas, rádios, tevês e sites estão cada vez mais convergentes, exigindo habilidade para produzir notícias em diferentes formatos. Familiarizar o aluno com todas as etapas de produção, edição e pós-produção de conteúdo jornalístico para produtos impressos,

audiovisuais ou digitais, preparando-o para a demanda por profissionais multimídia, é outro dos objetivos específicos do curso de Jornalismo da UFRJ.

O curso também está atento às demandas das assessorias de imprensa e comunicação empresarial que, cada vez mais, buscam uma atuação estratégica, produzindo seu próprio conteúdo e monitorando sua repercussão nas redes sociais.

Cresce também no país e na cidade do Rio de Janeiro o espaço para a mídia independente, com jornalistas investindo em produtos próprios, criando coletivos ou engajando-se em projetos de jornalismo comunitário. Por isso, passa a ser um dos objetivos específicos do curso de Jornalismo da UFRJ estimular o planejamento e desenvolvimento de produtos experimentais, tanto ao nível da narrativa e do suporte, quanto também na criação de novos modelos de negócio e as formas de financiamento e comercialização. E assim ampliar o campo de sua atuação profissional do jornalista, bem como sua autonomia em relação aos meios de comunicação de massa num contexto de jornalismo pós-industrial.

3 – Condições objetivas de oferta e vocação do curso

O curso de Jornalismo conta com a infraestrutura física e administrativa da Escola de Comunicação da UFRJ, assim como o apoio tecnológico de sua Central de Produção Multimídia (CPM), um espaço para experimentação e atividades didáticas realizadas por alunos, técnicos e professores, com laboratórios de fotografia, rádio e televisão, e com o auditório Luiz Fernando Perazzo, onde são realizados diversos eventos do calendário cultural da universidade.

Assim como a ECO, o curso está estruturado em três departamentos: Fundamentos da Comunicação, Expressão e Linguagens, Métodos e Áreas Conexas.

O **Departamento de Fundamentos da Comunicação** reúne os professores responsáveis pelas disciplinas de formação teórica e de caráter humanístico, agregando boa parte das disciplinas de teoria.

O **Departamento de Expressão e Linguagens (DEL)** agrupa os professores das disciplinas profissionalizantes. É composto por áreas de abordagem em Expressão em Arte, Expressão Gráfica, Expressão em Rádio e TV, Linguagens em Fotografia e Cinema e Linguagens em Jornalismo.

O **Departamento de Métodos e Áreas Conexas (DMAC)** reúne professores

ligados a processos e práticas em comunicação das habilitações oferecidas pela ECO. O DMAC integra competências em torno de tecnologias e linguagens, como os processos e práticas multimidiáticos, assim como marketing e metodologia.

A partir de sua desvinculação das demais habilitações da Comunicação Social (Publicidade, Radialismo e Produção Editorial), o Curso de Jornalismo da UFRJ passa a oferecer 40 vagas semestrais para ingresso direto. As vagas resultantes dessa redução serão distribuídas entre as habilitações do Curso de Comunicação Social (Publicidade, Rádio e TV e Produção Editorial), de modo a manter o número total de vagas oferecidas na Escola.

3.1 – Carga horária e periodização

As novas diretrizes do MEC determinam que a carga horária total do curso de Jornalismo deve ser de no mínimo 3.000 (três mil) horas, incluindo o estágio curricular supervisionado e as atividades complementares, que não podem exceder 20% desse total. Estabelecem ainda que a carga horária mínima destinada ao estágio curricular supervisionado deve ser de 200 (duzentas) horas.

Como o currículo do curso de Comunicação Social vigente desde 2001 na ECO já tinha carga horária de 2.880 horas, superior às 2.700 horas exigidas pelas Diretrizes Curriculares da área, bastaria a princípio acrescentar a exigência do estágio supervisionado para que o currículo de Jornalismo superasse a nova carga mínima em 80 horas. Isso, porém, não seria suficiente para atender às novas demandas curriculares, como será evidenciado a seguir.

3.1.1 - Nova estrutura curricular

A grade do curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo incluía 1.260 horas do ciclo comum a todas as habilitações, sendo 1.140 em 19 disciplinas de 60 horas e 120 horas em dois laboratórios – classificados então como Requisitos Curriculares Complementares (RCC) – a serem cumpridas nos três primeiros períodos, antes de o aluno fazer a opção profissional.

A partir do 4º período, o aluno devia cumprir 960 horas no ciclo profissionalizante, incluindo 180 horas em Projeto Experimental II – também classificado então como RCC –, uma carga horária obrigatória total de 2.220 horas obrigatórias: 1.920 horas em disciplinas e 300 horas em RCCs – posteriormente

reclassificados como Requisitos Curriculares Suplementares (RCS), com base na Resolução CEG 2/2003⁴, que também norteia este projeto.

Além das 1.920 horas de disciplinas obrigatórias, o currículo vigente desde 2001 incluía mais 660 horas em disciplinas complementares, sendo 420 horas em disciplinas de escolha restrita (240 horas em complementares de teoria e 180 horas em complementares da habilitação) e 240 horas em disciplinas de livre escolha do aluno, perfazendo o total de 2.880 horas – que originalmente não previa o “percentual mínimo de 10% da carga horária total do curso” para atividades de extensão, estabelecido pelas resoluções CEG 02/2013⁵ e CEG 04/2014⁶.

Duas determinações das novas diretrizes demandam a revisão obrigatória dessa estrutura: a entrada exclusiva para o curso de Jornalismo nos processos de seleção, o que impede a escolha após três semestres de ciclo comum, e a distribuição de atividades laboratoriais, voltadas às habilidades inerentes à profissão, “a partir do primeiro semestre, numa sequência progressiva, até a conclusão do curso”.

Além disso, as diretrizes do curso de Jornalismo não seguem a divisão entre disciplinas obrigatórias de teoria e habilitação e complementares de teoria, habilitação e livre escolha, como no currículo de Comunicação Social da Escola de Comunicação. As diretrizes também determinam que “a organização do currículo deve contemplar, no projeto pedagógico, conteúdos que atendam a **seis eixos de formação**”, explicitados a seguir:

I. Fundamentação Humanística, “cujo objetivo é capacitar o jornalista para exercer a sua função intelectual de produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania, privilegiando a realidade brasileira, como formação histórica, estrutura jurídica e instituições políticas contemporâneas; sua geografia humana e economia política; suas raízes étnicas, regiões ecológicas, cultura popular, crenças e tradições; arte, literatura, ciência, tecnologia, bem como os fatores essenciais para o fortalecimento da democracia, entre eles as relações internacionais, a diversidade cultural, os direitos individuais e coletivos; as políticas públicas, o desenvolvimento sustentável, as oportunidades de esportes, lazer e entretenimento e o acesso aos bens culturais da humanidade, sem se descuidar dos processos de globalização, regionalização e das singularidades locais, comunitárias e da vida cotidiana”.

⁴ https://graduação.ufrj.br/images/stories/_pr1/dmdocuments/ceg02_03.pdf

⁵ https://graduação.ufrj.br/images/stories/_pr1/CEG/Resolucoes/CEG2013_02.pdf

⁶ https://graduação.ufrj.br/images/stories/_pr1/CEG/Resolucoes/CEG2014_04.pdf

II. Fundamentação Específica, “cuja função é proporcionar ao jornalista clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade de sua profissão, tais como: fundamentos históricos, taxonômicos, éticos, epistemológicos; ordenamento jurídico e deontológico; instituições, pensadores e obras canônicas; manifestações públicas, industriais e comunitárias; os instrumentos de autorregulação; observação crítica; análise comparada; revisão da pesquisa científica sobre os paradigmas hegemônicos e as tendências emergentes”.

III. Fundamentação Contextual, “que tem por escopo embasar o conhecimento das teorias da comunicação, informação e cibercultura, em suas dimensões filosóficas, políticas, psicológicas e socioculturais, o que deve incluir as rotinas de produção e os processos de recepção, bem como a regulamentação dos sistemas midiáticos, em função do mercado potencial, além dos princípios que regem as áreas conexas”.

IV. Formação profissional, “que objetiva fundamentar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com os processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística, possibilitando-lhes investigar os acontecimentos relatados pelas fontes, bem como capacitá-los a exercer a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, de acordo com os gêneros e os formatos jornalísticos instituídos, as inovações tecnológicas, retóricas e argumentativas”.

V. Aplicação processual, “cujo objetivo é fornecer ao jornalista ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes: jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho”.

VI. Prática laboratorial, “que tem por objetivo a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores. Tem a função de integrar os demais eixos, alicerçados em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, tais como: jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal, telejornal, webjornal, agência de notícias e assessoria de imprensa, entre outros”.

As diretrizes do curso de Jornalismo estabelecem que “as IES têm ampla liberdade para, consoante seus projetos pedagógicos, selecionar, propor, denominar e ordenar as disciplinas do currículo”, mas destacam que “é valorizada a equidade entre as cargas horárias destinadas a cada um dos eixos de formação”. Ainda segundo a resolução do MEC, “a organização curricular deverá valorizar o equilíbrio e a integração entre teoria e prática durante toda a duração do curso”, com “carga horária

suficiente para distribuição estratégica e equilibrada dos eixos curriculares e demais atividades previstas”.

Para avaliar as necessidades de ajustes no currículo da então Habilitação em Jornalismo da Escola de Comunicação visando ao equilíbrio desejado, o NDE alinhou as disciplinas da grade vigente desde 2001 aos novos eixos, tendo como parâmetro a distribuição de disciplinas semelhantes em outras instituições. Essa análise apontou uma predominância do eixo de Aplicação Processual, com 21% da carga horária do curso, contra apenas 4% da prática laboratorial. Os demais eixos apresentaram equilíbrio, com Fundamentação Humanística, Fundamentação Contextual e Formação Profissional respondendo cada um por 13% da carga horária total, e Fundamentação Específica por 15% (**Anexo I**). Esses percentuais orientaram a distribuição dos eixos no novo currículo de Jornalismo, com objetivo de preservar a identidade histórica do curso e sua relação interdisciplinar com as habilitações do Curso de Comunicação Social da Escola de Comunicação, onde se compartilha o quadro docente e a infraestrutura física e operacional.

3.1.2 – *Distribuição de disciplinas e requisitos curriculares suplementares*

De acordo com a resolução CEG 02/2003, “são disciplinas e requisitos curriculares suplementares (RCS) **obrigatórios** aqueles nos quais o aluno de um determinado curso tenha que obter aprovação para fazer jus ao grau e diploma”. A mesma resolução estabelece que “são disciplinas e requisitos curriculares suplementares **optativos** aqueles integrantes de uma área de conhecimento, consignada no currículo, dentre os quais o aluno tenha que escolher algum ou alguns para completar determinado número de créditos”, denominadas atividades **complementares de escolha condicionada**.

Além delas, o aluno pode cursar disciplinas e requisitos curriculares suplementares de **livre escolha**, definidos na resolução CEG 02/2003 como “todos aqueles não integrantes do currículo como obrigatórios, dentre os quais o aluno tenha que escolher algum ou alguns para completar determinado número de créditos, sem outra limitação à possibilidade de escolha além do cumprimento dos requisitos”.

Para viabilizar a migração de uma habilitação do curso de Comunicação Social para um curso autônomo, sem perder as características intrínsecas de sua tradição e estrutura, o novo currículo de Jornalismo mantém aberta a possibilidade de algumas disciplinas com as habilitações de Publicidade e Propaganda, Produção Editorial e

Radialismo, com as quais divide turmas e professores desde 2001. Para tanto, preserva a essência de 13 das 19 disciplinas do antigo ciclo comum, com eventuais alterações de nomes e ementas, adequando-as ao curso de Jornalismo, que poderão ser adotadas pelos demais cursos. Dessas, nove disciplinas seguem nos três primeiros períodos, com duas no 4º e duas no 5º, estendendo por mais um ano a possibilidade de integração com as demais grades curriculares da ECO.

Essas disciplinas obrigatórias de núcleo comum passam a responder por 780 horas (25%) da carga horária do novo curso, contra 1.140 (40%) das disciplinas do ciclo básico anterior (sem contar os dois laboratórios de 60 horas cada). Já a carga horária do ciclo profissionalizante, que também somava 1.140 – incluindo 180 horas de disciplinas complementares da habilitação e outras 180 de Projeto Experimental II – passa a 1.380 horas, com a incorporação das antigas complementares da habilitação e a redução de Projeto Experimental para 90 horas.

Deste modo, a carga horária de disciplinas do ciclo profissionalizante passa de 40% da carga total no currículo anterior (incluindo as antigas Complementares de Habilitação) para 45% no currículo novo (incluindo as Complementares de Escolha Condicionada). Ao todo, a carga horária de disciplinas obrigatórias do novo currículo (excluindo Projeto Experimental) é a mesma do currículo de 2001 (excluindo Projeto Experimental II): 1.920 horas, o que representa 62% da carga horária total no currículo de Jornalismo, contra 67% no curso de Comunicação Social (**Anexo II**).

Essa redução no percentual da carga horária obrigatória é necessária para acomodar 270 horas de atividades laboratoriais obrigatórias previstas no novo currículo – mais que o dobro das 120 do currículo anterior –, além das 200 horas de estágio obrigatório e os 10% de atividades extensão. Principal mudança da nova grade curricular, as atividades laboratoriais são voltadas às “habilidades inerentes à profissão” desde o primeiro semestre. Diferentemente dos laboratórios do ciclo básico de Comunicação Social, os laboratórios do curso de Jornalismo, segundo as diretrizes curriculares, são alicerçados “em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular”, de modo a permitir a aplicação dos conceitos vistos nas disciplinas obrigatórias e o equilíbrio e a integração entre teoria e prática durante toda a duração do curso.

A introdução dos novos laboratórios, somada às atividades de estágio e extensão, contribuiu para a ampliação da carga horária prática do curso de Jornalismo da ECO, de

690 horas do currículo anterior (24% da carga horária) para 1.230 horas, correspondendo a 40% da carga total de 3.090 horas.

Apesar de ser o eixo de formação com menor carga horária, as atividades laboratoriais contribuirão também para o almejado equilíbrio entre os seis eixos estipulados nas novas diretrizes, absorvendo parte da carga de disciplinas que se enquadrariam no eixo de aplicação processual. A nova carga horária obrigatória, incluindo Projeto Experimental e os Laboratórios, passa a ser de 2.280 horas, correspondendo a 74% da carga total do curso de Jornalismo – contra 77% dos mesmos requisitos no currículo anterior (**Anexo II**).

De modo a preservar a identidade histórica e estrutural do curso, o novo currículo mantém a carga horária do eixo de Fundamentação Humanística (360 horas) e aumenta a carga dos eixos de Fundamentação Específica (390 horas), Fundamentação Contextual (420 horas), Formação Processual (420 horas) e Prática Laboratorial (270 horas), através da redistribuição das horas de Aplicação Processual (420 horas), cuja redução é compensada pelo acréscimo das 200 horas de estágio supervisionado (**Anexo I**). Além do equilíbrio entre os eixos, a grade atende também à demanda das diretrizes curriculares de distribuição dos eixos ao longo do curso (**Anexo III**).

A quantidade de disciplinas e créditos é semelhante nos dois currículos, mas também foi redistribuída. Ao todo, o currículo anterior tinha 32 disciplinas obrigatórias, mesmo número do novo currículo. As disciplinas complementares, divididas no currículo anterior em dois grupos de escolha restrita (Teoria e Habilitação), passam a ser de escolha condicionada, respondendo por no mínimo 5% da carga horária do novo currículo. A carga horária de disciplinas de livre escolha passa de 8% para 5% da carga total, e pode ser cumprida com disciplinas de escolha condicionada que superem a carga mínima exigida deste grupo.

Isso amplia o rol de opções do aluno, que passa a ter mais liberdade para definir seu perfil profissional. Para orientar essa escolha, as disciplinas obrigatórias e complementares de escolha condicionada foram agrupadas em **cinco trilhas profissionais**, de acordo com diferentes perfis de formação:

- 1. Formação para pesquisa;**
- 2. Jornalismo especializado;**
- 3. Jornalismo audiovisual e digital;**
- 4. Jornalismo gráfico e fotográfico;**
- 5. Gestão e inovação em jornalismo.**

Todas as trilhas têm disciplinas obrigatórias próprias relacionadas a no mínimo três eixos de formação, e a possibilidade de incluir Projeto Experimental com objetivo de realizar o TCC voltado ao foco da trilha (**Anexos IV**). A oferta de disciplinas varia de acordo com a trilha e a carga máxima de cada uma, incluindo as disciplinas obrigatórias, pode corresponder de 23% (Gráfico-Fotográfico) a 40% (Teoria-Pesquisa) da carga horária total do curso, caso sejam contabilizadas também como disciplinas de livre escolha.

A **trilha de formação para pesquisa** concentra as disciplinas dos eixos de Fundamentação Humanística, Específica e Contextual e é a que dispõe de maior oferta de disciplinas optativas complementares, organizadas em quatro núcleos comuns com o curso de Comunicação Social: Comunicação, Cidadania e Política; Comunicação, Globalização e Sociedade Tecnológica; Comunicação, Espetáculo e Cultura; Comunicação e Arte. Encontram-se nesta trilha as disciplinas voltadas aos Direitos Humanos previstas também no atual currículo de Comunicação Social.

A **trilha de jornalismo especializado** incorpora boa parte das disciplinas oferecidas até então como complementares de habilitação, além das obrigatórias do eixo de Formação Profissional. Isso possibilita a abertura de disciplinas voltadas a temas não específicos (Seminários em Jornalismo), de modo a incorporar questões ainda não identificadas, em alinhamento com os Seminários em Comunicação, existentes no currículo de Comunicação Social.

A **trilha de jornalismo audiovisual-digital** concentra boa parte das disciplinas do eixo de Aplicação Processual, integrando disciplinas obrigatórias e optativas complementares com ênfase na convergência de linguagens e suportes. Já a trilha gráfico-fotográfico, que tem duas disciplinas do núcleo comum com o currículo de Comunicação Social, investe na especificidade das respectivas linguagens, possibilitando ao aluno aprofundar-se em cada uma delas.

Voltada para o novo mundo do trabalho, sem perder a dimensão histórica da regulamentação da profissão de jornalista, **a trilha de gestão e inovação em jornalismo** busca dar ao aluno condições de gerir sua própria carreira ou negócio de modo autônomo e criativo. Para tanto, concentra as disciplinas obrigatórias e optativas complementares de marketing, gestão e inovação, de modo a incentivar a gestão de projetos que possam ter prosseguimento após a conclusão do curso.

A fim de conciliar tanto interesse e aspirações, a grade de disciplinas do novo currículo de Jornalismo estrutura-se em períodos da seguinte maneira (**Anexo V**):

1º Período:	Horas	Créditos
Comunicação e Filosofia	60	4
Teoria da Comunicação I	60	4
História da Comunicação e do Jornalismo	60	4
Gêneros Jornalísticos	60	3
Linguagem Gráfica	60	4
Linguagem Fotográfica	60	4
Laboratório I	60	2
Atividade Curricular de Extensão*	310	N/A

2º Período	Horas	Créditos
Comunicação e Artes	60	4
Teoria da Comunicação II	60	4
Introdução à Pesquisa em Comunicação	60	4
Redação Jornalística I	60	3
Reportagem I	60	3
Introdução à Linguagem Audiovisual	60	4
Laboratório II	30	1

3º Período	Horas	Créditos
Antropologia e Comunicação	60	4
Mídia, Psicologia e Cognição	60	4
Teorias do Jornalismo	60	4
Redação Jornalística II	60	3
Radiojornalismo	60	3
Fotojornalismo I	60	3
Laboratório III	30	1

4º Período	Horas	Créditos
Fundamentos de Economia para Comunicação	60	4
Cultura e Relações Étnico-Raciais no Brasil	60	4
Análise das Práticas Discursivas	60	4
Reportagem II	60	3
Webdesign	60	3
Telejornalismo	60	3
Laboratório IV	30	1

5º Período	Horas	Créditos
Política e Comunicação	60	4
Marketing e Gestão para Jornalismo	60	4
Cibercultura	60	4
Assessoria de Imprensa e de Comunicação	60	3
Complementar de Escolha Condicionada	30	2
Complementar de Livre Escolha	30	2
Laboratório V	30	1

6º Período	Horas	Créditos
Jornalismo de dados	60	3
Legislação e Ética no Jornalismo	60	4
Complementar de Escolha Condicionada	60	4
Complementar de Escolha Condicionada	30	2
Complementar de Livre Escolha	60	4
Laboratório VI	30	1

7º Período	Horas	Créditos
Inovação e empreendedorismo	60	4
Pesquisa em Jornalismo	60	3
Complementar de Livre Escolha	60	4
Laboratório VII	30	1
Requisito Curricular Suplementar (Estágio Supervisionado)	100	2

8º Período	Horas	Créditos
Projeto Experimental em Jornalismo	90	3
Complementar de Escolha Condicionada	30	2
Laboratório VIII	30	1
Requisito Curricular Suplementar (Estágio Supervisionado)	100	2

* A carga horária da Atividade Curricular de Extensão poderá ser cursada em até oito períodos

3.2 – Metodologias de ensino-aprendizagem

As metodologias de ensino-aprendizagem aplicadas incluem sistemas clássicos e novas práticas com tecnologias de informação e comunicação (TIC) como mediadoras de experiências pedagógicas – o que vêm ganhando cada vez mais relevo no século XXI.

Dessa forma, as aulas expositivas e dialogadas, normalmente apoiadas por recursos técnicos (projeção de slides, exibição de conteúdos visuais, fonográficos, audiovisuais e interativos, entre outros), e notadamente baseadas em bibliografia básica e complementar previamente disponibilizada, compõem o rol mais comum dos métodos aplicados para a formação. A articulação entre teoria e prática é uma constante nas atividades pedagógicas empreendidas no curso, na totalidade de seus componentes curriculares, uma vez que a perspectiva crítica-analítica é uma marca da Escola de Comunicação da UFRJ, desde sua origem.

Da mesma forma, práticas consagradas de ensino-aprendizagem são comuns dentre as metodologias adotadas pelos docentes, como é o caso da organização, elaboração e apresentação de seminários, jogos educacionais, dinâmicas de grupos,

trabalhos em equipes etc., sempre voltadas para o estímulo da colaboração, da autonomia, da reflexão e da problematização da realidade, transformando cada professora ou professor do curso em partícula mediadora-facilitadora do conhecimento, conforme postulam os mais atuais princípios das metodologias ativas em educação.

Ainda, a orientação individual ou em grupo constitui rotina nas atividades de ensino, muitas das vezes imbricadas com atividades de pesquisa, resultando, inclusive, em produção acadêmica direcionada para fóruns locais, regionais e nacionais, para periódicos e para sítios especializados na internet, reforçando, dessa maneira, o estímulo à iniciação científica, à investigação crítica e, conseqüentemente, à educação continuada, com destaque para o exórdio futuro na pós-graduação.

Da mesma sorte, também é comum que as práticas de orientação se alinhem com as atividades de extensão – notoriamente desenvolvidas em profusão no âmbito da UFRJ, que já há muito as inclui para integralização de suas faculdades, como tratado em outras partes deste projeto pedagógico –, fomentando, com isso, não só a fixação de conteúdos e produção de portfólio, mas, especialmente, estimulando a responsabilidade social e a participação comunitária como norteadoras do espírito cidadão dos nossos egressos.

Aulas externas, visitas guiadas, acesso a galerias de arte, instalações, exposições, eventos de apresentações, debates e *workshops* concatenados com os conteúdos programáticos ou comprometidos com a promoção da atitude ética, social, política e cidadã também são práticas estimuladas pelo corpo docente do curso, principalmente quando tais atividades colaboram para o alcance dos objetivos gerais e específicos das disciplinas do curso ou dos requisitos curriculares suplementares.

Com adensamento mais recente no conjunto das metodologias de ensino-aprendizagem aplicadas no curso, merece destaque especial as TIC, que vêm sendo utilizadas tanto para servir de repositório de conteúdos programáticos, referências bibliográficas e documentais, materiais de aula, apresentações de slides etc., assim como para práticas de métodos mais contemporâneos e inovadores, que investem na personalização como acesso ativo de discentes aos conhecimentos, tomando a conexão entre metodologia, tecnologia e conteúdo como paradigma pedagógico para o desenvolvimento de competências e habilidades no Ensino Superior.

Assim é que o uso de plataformas, aplicativos, sistemas e perfis tem comparecido cada vez mais no cotidiano das aulas do curso, proporcionando experiências como, por exemplo, a tão celebrada “sala de aula invertida”, sistema

amplificado pela mediação tecnológica, no qual são postos a manejo dispositivos como: ferramentas de agenda, documentos, formulários, planilhas, repositórios, fóruns, *chat*, *meeting*, *classroom* e congêneres. Tais mecanismos vêm ocasionando vivências bastante ricas, fecundas e inovadoras ao longo da formação no curso, destacadamente pelo recurso de atividades mediadas por tecnologias, utilizadas nas disciplinas em parte ou no todo, fazendo uso da videoconferência para superar eventuais limitações espaciais da comunidade acadêmica, sem prejuízo de conteúdos. Desse modo, são otimizadas as rotinas próprias dos sujeitos atravessados pelas idiossincrasias comuns aos centros urbanos.

As atividades mediadas por tecnologias são utilizadas como parte da carga total de um componente curricular, normalmente sob a égide do ganho de conhecimento que a perícia em ambiente digital tem o potencial de proporcionar, ficando a cargo do corpo docente incorporar tais recursos aos seus planos de ensino e programas de aulas. Essas mesmas atividades podem, em situações específicas, ser utilizadas na totalidade da carga de uma disciplina, num determinado período letivo, desde que justificada a prática metodológica pelo planejamento de ensino da professora ou do professor proponente e avaliada pelo Conselho Departamental da Escola de Comunicação (CONDEP), sendo esta a instância determinada para regulação dos usos e limites em questão.

A utilização no todo de atividades mediadas por tecnologias é particularmente visada para amplificação das condições de ensino-aprendizagem em disciplinas que têm como seus objetos centrais as análises, críticas, criações, edições e circulações de produtos de comunicação nativos do digital, com destaque para a concepção, o desenvolvimento e a veiculação de conteúdos em sites da internet, plataformas digitais, repositórios digitais, mídias sociais digitais, blogs, microblogs, aplicativos para os mais diversos suportes digitais etc. Ainda, já está pacificado no curso – e devidamente outorgado pelas instâncias devidas, na unidade e na Universidade – o uso de mediação tecnológica para a apresentação de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), palestras organizadas pela coordenação ou por docentes em disciplinas (sobretudo quando são ilustradas por convidados expoentes em suas áreas e que se encontram geograficamente afastados da sede do curso, no país ou no exterior), workshops e outros cursos de curta duração (na forma de atividades acadêmicas complementares), ou ainda eventuais outras atividades acadêmicas autorizadas, como mencionado, pelo CONDEP.

3.3 - Formas de efetivação da interdisciplinaridade

A complexidade do mundo contemporâneo tem apresentado desafios concretos ao profissional de jornalismo, exigindo capacidade reflexiva para lidar com diferentes demandas de uma sociedade que vive rápidas e radicais transformações. Nenhum conhecimento específico consegue dar conta sozinho de todas as dimensões da realidade. A formação universitária deve incentivar o aluno a compreender as realidades culturais, políticas e econômicas a partir de ferramentas analíticas e teóricas oferecidas pelas ciências humanas, artes, ciência, economia e ciências exatas.

Por acreditar que a interdisciplinaridade é fundamental para a formação do jornalista, o curso mantém uma grade organizada entre disciplinas obrigatórias e complementares de livre escolha, a serem cursadas em qualquer unidade da UFRJ. Esta estrutura permite ao aluno uma formação mais flexível e uma maior autonomia na definição do seu percurso acadêmico. O currículo também prevê a possibilidade de o aluno cursar disciplinas na pós-graduação da ECO que possam levá-lo a um aprofundamento das reflexões sobre a sua profissão. E aproveitar a oferta de disciplinas de habilitações oferecidas pela Escola que possam complementar sua formação.

3.4 - Modos de integração entre teoria e prática

O Jornalismo é indispensável à cidadania e para o pleno usufruto das conquistas sociais, políticas, econômicas e tecnológicas a que todos devem ter acesso. Cabe ao curso de Jornalismo fortalecer o processo de formação da cidadania, preparando profissionais capazes de exercer seu papel de mediação numa sociedade complexa, diversa e conflituosa e não simplesmente fornecer conhecimentos técnicos.

Para que este objetivo se realize, a universidade não pode e nem deve ser a simulação do mercado. Mais do que reproduzir imperfeitamente as redações e acostumar os alunos às condições de funcionamento das empresas jornalísticas, a universidade deve ser um espaço de reflexão, experimentação e emancipação.

Quando se dissocia teoria e formação técnica, mutila-se a formação profissional do jornalista. Sem estimular sua curiosidade intelectual, sem lhe fornecer as ferramentas teóricas e históricas fundamentais para pensar a realidade e elaborar perguntas que possam colocar em questão narrativas já naturalizadas, ele se torna um profissional incompleto, inseguro e facilmente manipulável.

A grade do curso de Jornalismo da UFRJ foi construída de forma a que seus alunos adquiram competências e habilidades profissionais condizentes com as

necessidades do mercado. E, paralelamente, tenham sua curiosidade intelectual e reflexão crítica estimulada ao longo de todo o curso.

Na formatação da grade curricular, foi buscado o equilíbrio entre disciplinas teóricas e práticas em todos os semestres e seu encadeamento ao longo do curso de forma orgânica.

3.5 - Formas de avaliação do ensino e da aprendizagem

A Escola de Comunicação da UFRJ já tem mecanismos próprios de avaliação discente, docente e institucional, mantidos no presente projeto pedagógico. São eles:

3.5.1 - Avaliação de discentes

Os estudantes são avaliados por regras estabelecidas pelos professores das disciplinas e divulgadas junto com a ementa e o programa de cada disciplina, em consonância com as regras específicas de avaliação estabelecidas pelos Conselhos Superiores da UFRJ e regulamentação específica do regimento da ECO.

Nas disciplinas de caráter teórico, os meios de avaliação mais utilizados são provas, trabalhos escritos individuais ou em grupo, seminários e apresentações orais. Nas disciplinas laboratoriais e práticas, os alunos são avaliados também por meio de trabalhos práticos e produtos que desenvolvem durante o curso. Como o trabalho jornalístico é cada vez mais coletivo e colaborativo, os trabalhos em equipe são estimulados ao máximo.

Os direitos dos alunos a pedido de vistas de prova, segunda chamada e revisão seguem as normas definidas pelo CEG (Resolução 4/96) e pelo regimento da Escola.

3.5.2 - Avaliação de docentes

Os Planos de Disciplinas devem ser fornecidos aos alunos antes do início de cada período letivo e devem conter, além dos conteúdos e das atividades, a metodologia das aulas, os critérios de avaliação e a bibliografia fundamental. Desta maneira, os alunos podem discernir claramente a relação entre as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Jornalismo, a grade curricular da instituição e o processo de avaliação a que serão submetidos no final do curso.

Os docentes são avaliados em função de seu envolvimento com o ensino de graduação e pós-graduação, de sua produção como pesquisadores e orientadores acadêmicos e de sua participação em atividades de extensão. Há diversos sistemas de

registro de produção docente na UFRJ tais como SIGA, além do Currículo Lattes, do CNPq, que informam o processo de avaliação docente.

O acompanhamento e a avaliação dos professores estão a cargo dos chefes de Departamento, que por sua vez estão em constante interação com o coordenador do curso de jornalismo, que participa do Conselho Departamental. A avaliação por parte dos discentes também é estimulada por meio de aplicação de pesquisas internas.

3.5.3 - *Avaliação institucional*

A avaliação institucional do curso de Jornalismo deve se desenvolver de forma continuada, discutindo os resultados obtidos e a eficácia deste novo projeto pedagógico, tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito administrativo. Tanto os cursos de graduação como pós-graduação da UFRJ estão sob constante avaliação das agências governamentais, sempre com excelentes resultados.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Jornalismo, o processo de avaliação institucional deve seguir os seguintes critérios:

I - o conjunto da produção jornalística e de atividades de pesquisa e de extensão realizadas pelos alunos ao longo do curso;

II - o conjunto da produção acadêmica e técnica reunida pelos professores;

III - a contribuição do curso para o desenvolvimento local social e de cidadania nos contextos em que a instituição de educação superior está inserida;

IV - o espaço físico e as instalações adequadas para todas as atividades previstas, assim como o número de alunos por turma, que deve ser compatível com a supervisão docente nas atividades práticas;

V - o funcionamento, com permanente atualização, dos laboratórios técnicos especializados para a aprendizagem teórico-prática do jornalismo a partir de diversos recursos de linguagens e suportes tecnológicos, de biblioteca, hemeroteca e bancos de dados, com acervos especializados;

VI - as condições de acesso e facilidade de utilização da infraestrutura do curso pelos alunos, que devem ser adequadas ao tamanho do corpo discente, de forma que possam garantir o cumprimento do total de carga horária para todos os alunos matriculados em cada disciplina ou atividade;

VII - a inserção profissional alcançada pelos alunos egressos do curso;

VIII - a experiência profissional, a titulação acadêmica, a produção científica, o vínculo institucional, o regime de trabalho e a aderência às disciplinas e atividades sob responsabilidade do docente.

3.6 - Modos de integração entre graduação e pós-graduação

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ foi criado em 1972 e é o segundo mais antigo do país. Desde então, vem formando docentes universitários, pesquisadores e especialistas nas áreas de Comunicação, Cultura e Novas Tecnologias. As atividades de ensino e pesquisa têm como foco as dinâmicas de articulação de formas tradicionais de vida e cultura com as novas tecnologias da comunicação e da informação. As linhas de pesquisa e atuação são: (1) Mídia e Mediações Socioculturais e (2) Tecnologias da Comunicação e Estéticas.

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), que encontra-se vinculado à ECO, oferece cursos de mestrado acadêmico e de doutorado em Ciência da Informação, tendo como objetivo geral a formação para a pesquisa e o aprimoramento em alto nível de profissionais comprometidos com o avanço do conhecimento nesse campo.

O PPGCI tem origem no Curso de Documentação Científica (CDC), criado em 1955 pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em nível de especialização. Em 1970, o IBICT deu início ao curso de mestrado em Ciência na Informação, pioneiro nesse campo do conhecimento no Brasil e na América Latina. O PPGCI foi desenvolvido com mandato acadêmico da UFRJ até 1981 e, de 1982 a 2002, como parte da estrutura acadêmica da Escola de Comunicação da UFRJ. De 2003 a 2008, o PPGCI funcionou em convênio com a Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo retornado à UFRJ ao final de 2008. As linhas de pesquisa são (1) Comunicação, Organização e Gestão da Informação e do Conhecimento e (2) Configurações socioculturais, políticas e econômicas da informação.

O Programa de Pós-Graduação em Tecnologias e Linguagens da Comunicação (PPGTLCOM), mais recente, foi concebido tendo em vista desafios específicos da atualidade no campo da Comunicação Social em função da crescente complexidade de possibilidades de conexão através das plataformas digitais tecnologicamente disponibilizadas à sociedade. O programa está voltado para a pesquisa de base prático-teórica na formação científica e profissional em Comunicação Social e Artes da Mídia, além da capacitação para a docência. As linhas de pesquisa são (1) Conteúdos e objetos

digitais audiovisuais, (2) Conteúdos e objetos digitais de entretenimento e (3) Conteúdos e objetos digitais editoriais.

O Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC) surgiu do interesse de docentes do Curso da Escola de Comunicação em integrar seus saberes, de modo a interagir e dialogar com as áreas das Artes e da Comunicação, amplamente interligadas na produção do pensamento acadêmico contemporâneo. O programa pretende atender a demanda vigente dos novos modos de reflexão e investigação da cena contemporânea, a partir do entendimento de contextos históricos, culturais e políticos diversos. As linhas de pesquisa são (1) Poéticas da Cena: Teoria e Crítica e (2) Experimentações da Cena: Formação Artística.

A maioria dos professores do curso de Jornalismo está integrada a algum destes programas de pós-graduação, ou de outros cursos afins na UFRJ ou em outras universidades.

3.7 - Incentivo à pesquisa e à extensão

A ECO tem um papel relevante na pesquisa em Jornalismo no país. Seus professores desenvolvem projetos com a participação dos alunos como bolsistas de iniciação científica. A experiência coloca o aluno em contato com as discussões de ponta e lhes proporciona familiaridade com metodologia e técnicas de pesquisa (levantamento, classificação, processamento e análise de fontes e entrevista). A partir da experiência, muitos alunos do curso de Jornalismo têm decidido dar continuidade à vida acadêmica na pós-graduação da própria Escola e em outras instituições do país e do exterior.

Para tal, o curso de Jornalismo apoia as atividades de extensão já existentes, estimula a elaboração de novas propostas e incentiva seus alunos tanto para o cumprimento da carga estabelecida para as atividades de extensão quanto para o voluntariado, assim como projetos de tutoria, treinamento e monitoria em atividades comunitárias que potencializem a integração social e comunitária.

E, ainda, estimula parcerias com redes, ONGs, coletivos, circuitos, instituições da sociedade, órgãos governamentais, iniciativas privadas que partilhem dos mesmos valores extensionistas da UFRJ e que possam atender ou participar dos projetos, cursos, eventos e ações que atendam às demandas do curso de Jornalismo e às Normas de Creditação de Atividades de Extensão da UFRJ. Também propicia a troca de experiência entre professores, estudantes e técnicos do curso com outras atividades de

extensão da UFRJ e destas com o público externo, redes, grupos e comunidades.

Ao formar tutores, mediadores, monitores, instrutores e multiplicadores extensionistas de conhecimentos e técnicas do Jornalismo como instrumento de combate à desigualdade social e como instrumento de universalização dos direitos, o curso de Jornalismo da UFRJ busca produzir acervos de material didático e desenvolver metodologias que possam servir de referência e estímulo nesse campo, abertos a consulta e disponibilizados para acesso e utilização em outras unidades da UFRJ.

3.8 - Regulamentação das atividades do Trabalho de Conclusão de Curso

Segundo as novas diretrizes, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “é componente curricular obrigatório, a ser desenvolvido individualmente, realizado sob a supervisão docente e avaliado por uma banca examinadora formada por docentes, sendo possível também a participação de jornalistas profissionais convidados”.

Como trabalho de conclusão de curso, o aluno de Jornalismo pode optar entre escrever uma monografia que aborde basicamente reflexões teóricas sobre temas relacionados à atividade jornalística ou produzir trabalho prático de cunho jornalístico. Entretanto, mesmo que escolha realizar um trabalho prático ou produto, o aluno deve apresentar um relatório, memorial ou monografia de reflexão crítica descrevendo cada uma das etapas da sua consecução e justificando teoricamente as suas escolhas e os seus percursos.

O aluno começa oficialmente a elaborar o seu trabalho individual no sétimo período, na disciplina Pesquisa em Jornalismo. A partir de um tema escolhido, o professor o orienta a construir um objeto de análise, elaborar hipóteses e estabelecer conceitos e metodologia de trabalho voltados ao seu tema de interesse. No final do semestre, ele apresenta um anteprojeto, que lhe permite, no oitavo período, desenvolver de forma mais segura a sua monografia ou o seu produto. Nesse momento, o aluno conta com a orientação de um professor, que ele mesmo escolhe entre integrantes do corpo docente do curso. A partir de sua inscrição em Projeto Experimental, o aluno tem até três períodos para concluir o TCC.

O resultado final é avaliado por uma banca examinadora, composta pelo orientador e por mais dois professores de graduação ou jornalistas profissionais convidados, que submete o aluno a uma arguição. A defesa é pública, podendo ser assistida por colegas e familiares do aluno.

3.9 - Regulamentação do estágio curricular supervisionado

As diretrizes do MEC para o curso de Jornalismo incluem o estágio supervisionado como componente obrigatório do currículo. Com carga mínima de 200 horas, o estágio pode ser realizado em instituições públicas, privadas, do terceiro setor ou na própria instituição de ensino, em veículos autônomos ou assessorias profissionais, preferencialmente nos períodos finais do curso.

É vedado convalidar como estágio curricular supervisionado a prestação de serviços, realizada a qualquer título, que não seja compatível com as funções profissionais do jornalista; que caracterize a substituição indevida de profissional formado ou, ainda, que seja realizado em ambiente de trabalho sem a presença e o acompanhamento de jornalistas profissionais, tampouco sem a necessária supervisão docente, conforme regulamento aprovado pela Congregação da Escola de Comunicação. É vedado ainda convalidar como estágio curricular supervisionado os trabalhos laboratoriais feitos durante o curso.

3.10 - Concepção e composição das atividades complementares

Segundo as diretrizes curriculares para os cursos de Jornalismo, são consideradas Atividades Complementares:

Atividades Didáticas – frequência e aprovação em disciplinas não previstas no currículo do curso, ampliando o conhecimento dos estudantes de jornalismo sobre conteúdos específicos, como economia, política, cultura, esportes, ciência, tecnologia, etc.

Atividades Acadêmicas – apresentação de relatos de iniciação científica, pesquisa experimental, extensão comunitária ou monitoria didática em congressos acadêmicos e profissionais.

Desta forma, as diretrizes ampliam o conceito de atividades complementares, incluindo o que no curso de Jornalismo da UFRJ são denominadas disciplinas complementares de livre escolha (frequência e aprovação em disciplinas não previstas no currículo do curso) e bolsas de iniciação científica.

3.11 – Atividades de Extensão

O curso de Jornalismo da UFRJ adota o conceito de extensão universitária, definido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), aprovado em 2010 e publicado no documento

Política Nacional de Extensão: A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p. 42).

O projeto de Extensão da Escola de Comunicação toma como base a legislação do Ministério da Educação referente a obrigatoriedade de inclusão de 10% da carga horária de extensão no currículo da graduação, e considerando as recomendações da Pró Reitoria de Extensão (PR5/UFRJ).

Para ser considerada ação de extensão, deve envolver obrigatoriamente a participação de professores, técnicos administrativos, estudantes e demais setores extenos à universidade, formulando em conjunto projetos, cursos e eventos que atendam às demandas da sociedade e, ao mesmo tempo, coloquem em questão ou potencialize os saberes gerados na universidade.

A proposta da Extensão do curso de Jornalismo da UFRJ é permitir ao estudante uma formação mais cidadã e possibilitar a interação com novas realidades que certamente complementam as experiências vividas no mundo acadêmico.

Entre os princípios da Extensão estão:

- **Interação dialógica** - que orienta o desenvolvimento de relações entre a universidade e setores sociais, marcadas pelo diálogo e troca de saberes, substituindo o discurso da hegemonia acadêmica pela ideia de diversidade e a aliança com movimentos, setores e organizações sociais.
- **Interdisciplinaridade e interprofissionalidade** – que busca a combinação de especialização e interação de modelos, conceitos e metodologias oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento, assim como pela construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais.
- **Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão** – considerando que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas ao processo de formação de pessoas (Ensino) e de geração de conhecimento (Pesquisa).
- **Impacto na formação do estudante** - seja pela ampliação do universo referencial, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas. As ações de extensão possibilitam enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos, ao tempo em que abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da universidade pública brasileira.

- **Impacto na transformação social** - reafirma a Extensão Universitária como o mecanismo pelo qual se estabelece a inter-relação da Universidade com os outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população, e propiciadora do desenvolvimento social e regional e de aprimoramento das políticas públicas.

O curso de Jornalismo da UFRJ oferece a possibilidade de o aluno receber créditos de extensão do primeiro ao último semestre, podendo integralizá-los conforme seu interesse e disponibilidade de tempo.

As diretrizes não definem mínimo de horas de atividades complementares. No entanto, estabelecem que “o estágio curricular supervisionado e as atividades complementares não poderão exceder a 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso” e devem ter “um sistema de créditos, pontos ou computação de horas para efeito de integralização do total previsto para o curso”. As horas de estágio e atividades complementares que superarem esse limite não serão computadas.

4 – Perfil do Egresso

Desde 2001, a Escola de Comunicação da UFRJ propõe cinco características fundamentais para o perfil de seu egresso: (1) apreensão histórico-crítica do fenômeno da Comunicação; (2) atitude experimental em relação às linguagens; (3) vínculo entre Comunicação e Tecnologia; (4) articulação entre atividades de ensino e pesquisa e entre Graduação e Pós-graduação e (5) individualização da formação.

Em alinhamento a esses princípios, o egresso do curso de Graduação em Jornalismo da UFRJ tem uma formação voltada para compreensão da complexidade do mundo contemporâneo, assim como a importância do papel social do jornalista como mediador e construtor dessa realidade. Sua formação também o habilita a atuar num universo profissional marcado pela convergência de meios, pela aceleração, disruptura e mutação de seu campo de trabalho por conta das inovações tecnológicas. Para isso, o curso busca desenvolver competências que reflitam as demandas sociais e profissionais de seu cada vez mais amplo campo de atuação.

Seu desempenho profissional deve refletir uma formação intelectual humanista, plural, crítica, ética e reflexiva. E ainda uma formação especializada que reflita a

complexidade e possibilidades abertas pelas mídias digitais, integrando diferentes linguagens, ferramentas e tecnologias.

Ao se formar, o aluno do curso de Jornalismo da UFRJ está apto a assumir funções de repórter, redator, editor, produtor, fotógrafo, assessor de imprensa, entre outras. Deve dominar os fundamentos técnicos da apuração, interpretação, redação, edição, publicação e divulgação de conteúdo jornalístico nas diferentes mídias. Deve igualmente poder avaliar as dimensões políticas da sua profissão, de forma que sua formação permita uma participação responsável e ética no mercado de trabalho.

O egresso deve ser alguém capaz não só de produzir informação, mas também questionar os fatos e versões. Um jornalista com habilidades e conhecimentos que permitem sua inserção no mercado de trabalho, mas também capaz de refletir sobre este mesmo mercado e suas formas de produção, contribuindo para transformá-lo. O egresso deve ser um jornalista detentor de conhecimento prático e amplo entendimento do seu papel no campo da comunicação. Para isso, durante o curso ele deve aprender a:

- Exercer com rigor a apuração, a interpretação, o registro e a divulgação dos fatos relevantes para a sociedade;
- Interpretar, explicar e contextualizar as informações no mundo em que vive;
- Traduzir e disseminar informações buscando sempre a fácil compreensão, mas com o cuidado de não reforçar preconceitos ou visões de mundo distorcidas;
- Dominar a linguagem jornalística para as diferentes mídias de forma integrada;
- Dominar as regras e os códigos dos diferentes gêneros jornalísticos, buscando a criatividade e novos formatos;
- Compreender os mecanismos envolvidos no processo de recepção das mensagens e seu impacto sobre os diversos setores da sociedade;
- Refletir criticamente sobre a mídia e oferecer propostas de alternativas inovadoras;
- Agir eticamente, com responsabilidade e com compromisso com a cidadania;
- Ver de forma integrada os processos de comunicação;
- Ter espírito crítico e curiosidade intelectual permanente.

O projeto pedagógico do curso de Jornalismo da UFRJ segue as novas diretrizes curriculares, que divide as competências do egresso a serem desenvolvidas pelos cursos de Jornalismo entre gerais, cognitivas, pragmáticas e comportamentais:

I - Competências gerais:

- a) compreender e valorizar as conquistas históricas da cidadania: o regime democrático, o pluralismo de ideias e de opiniões, a cultura da paz, os direitos humanos, as liberdades públicas, a justiça social e o desenvolvimento sustentável;
- b) conhecer em sua complexidade a história, a cultura e a realidade social, econômica e política brasileira, considerando especialmente a diversidade regional, os contextos latino-americano e ibero-americano, o eixo sul-sul e o processo de internacionalização da produção jornalística;
- c) identificar e reconhecer a relevância e o interesse público entre os temas da atualidade;
- d) distinguir entre o verdadeiro e o falso a partir de um sistema de referências éticas e profissionais;
- e) pesquisar, selecionar e analisar informações em qualquer campo de conhecimento específico;
- f) dominar a expressão oral e a escrita em língua portuguesa;
- g) ter domínio instrumental de, pelo menos, dois outros idiomas;
- h) interagir com pessoas e grupos sociais de formações e culturas diversas e diferentes níveis de escolaridade;
- i) ser capaz de trabalhar em equipes profissionais multifacetadas;
- j) saber utilizar as tecnologias de informação e comunicação;
- k) preparar-se para a inovação permanente de métodos, técnicas e procedimentos;
- l) cultivar a curiosidade sobre os mais diversos assuntos;
- m) compreender que o aprendizado é permanente;
- n) saber conviver com o poder, a fama e a celebridade, mantendo a independência e o distanciamento necessários em relação a eles;
- o) perceber constrangimentos à atuação profissional e desenvolver senso crítico em relação a isso;
- p) procurar ou criar alternativas para o aperfeiçoamento das práticas profissionais;
- q) atuar sempre com discernimento ético.

II - Competências cognitivas:

- a) conhecer a história, os fundamentos e os cânones profissionais do jornalismo;
- b) conhecer a construção histórica e os fundamentos da cidadania;
- c) compreender e valorizar o papel do jornalismo na democracia e no exercício da cidadania;
- d) compreender as especificidades éticas, técnicas e estéticas do jornalismo, em sua complexidade de linguagem e como forma diferenciada de produção e socialização de informação e conhecimento sobre a realidade;
- e) discernir os objetivos e as lógicas de funcionamento das instituições privadas, estatais, públicas, partidárias, religiosas ou de outra natureza em que o jornalismo é exercido, assim como as influências do contexto sobre esse exercício.

III - Competências pragmáticas:

- a) contextualizar, interpretar e explicar informações relevantes da atualidade, agregando-lhes elementos de elucidação necessários à compreensão da realidade;
- b) perseguir elevado grau de precisão no registro e na interpretação dos fatos noticiáveis;
- c) propor, planejar, executar e avaliar projetos na área de jornalismo;
- d) organizar pautas e planejar coberturas jornalísticas;
- e) formular questões e conduzir entrevistas;
- f) adotar critérios de rigor e independência na seleção das fontes e no relacionamento profissional com elas, tendo em vista o princípio da pluralidade, o favorecimento do debate, o aprofundamento da investigação e a garantia social da veracidade;
- g) dominar metodologias jornalísticas de apuração, depuração, aferição, além das de produzir, editar e difundir;
- h) conhecer conceitos e dominar técnicas dos gêneros jornalísticos;
- i) produzir enunciados jornalísticos com clareza, rigor e correção e ser capaz de editá-los em espaços e períodos de tempo limitados;
- j) traduzir em linguagem jornalística conteúdos originalmente formulados em linguagens técnico-científicas, mas cuja relevância social justifique e/ou exija disseminação não especializada;

- k) elaborar, coordenar e executar projetos editoriais de cunho jornalístico para diferentes tipos de instituições e públicos;
- l) elaborar, coordenar e executar projetos de assessoria jornalística a instituições legalmente constituídas de qualquer natureza, assim como projetos de jornalismo em comunicação comunitária, estratégica ou corporativa;
- m) compreender, dominar e gerir processos de produção jornalística, bem como ser capaz de aperfeiçoá-los com criatividade e raciocínio crítico;
- n) dominar linguagens midiáticas e formatos discursivos, utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação;
- o) dominar o instrumental tecnológico – hardware e software – utilizado na produção jornalística;
- p) avaliar criticamente produtos e práticas jornalísticas.

IV - Competências comportamentais:

- a) perceber a importância e os mecanismos da regulamentação político-jurídica da profissão e da área de comunicação social;
- b) identificar, estudar e analisar questões éticas e deontológicas no jornalismo;
- c) conhecer e respeitar os princípios éticos e as normas deontológicas da profissão;
- d) avaliar, à luz de valores éticos, as razões e os efeitos das ações jornalísticas;
- e) atentar para os processos que envolvam a recepção de mensagens jornalísticas e o seu impacto sobre os diversos setores da sociedade;
- f) impor aos critérios, às decisões e às escolhas da atividade profissional as razões do interesse público;
- g) exercer, sobre os poderes constituídos, fiscalização comprometida com a verdade dos fatos, o direito dos cidadãos à informação e o livre trânsito das ideias e das mais diversas opiniões.

5 – Ementas

As ementas do curso de Jornalismo estão organizadas em disciplinas e requisitos obrigatórios, requisitos curriculares suplementares e disciplinas complementares de escolha condicionada, agrupadas por trilhas de formação. Para fazer jus ao grau e diploma, o aluno deve cursar 32 disciplinas obrigatórias, o requisito obrigatório Projeto Experimental e oito laboratórios. A quantidade de disciplinas optativas complementares e a carga horária variam de acordo com a trilha, sendo o mínimo total de 150 horas de escolha condicionada e 150 horas de livre escolha.

5.1 – Disciplinas e Requisitos Obrigatórios

NOME	CH	CR	EMENTA	BIBLIOGRAFIA
Comunicação e Filosofia	60	4	A passagem da narrativa mítica para o discurso racional. A técnica do discurso democrático e o nascimento da retórica. A Sofística e a verdade como potência do discurso. Filosofia e verdade como objeto do discurso. Sujeito e consciência na enunciação do cogito. Enunciação e história. Pragmática do discurso e mediação. Simulação e tecnocultura.	PLATÃO. <i>A República</i> . Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1991. DESCARTES, R. <i>Os Pensadores</i> . São Paulo: Nova Cultural, 1984. NIETZSCHE, F. <i>Genealogia da Moral</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
Teoria da Comunicação I	60	4	História da constituição do campo da comunicação, articulando a discussão epistemológica da disciplina. As principais escolas teóricas da comunicação: a Escola de Frankfurt, o paradigma sociológico e o linguístico. As teorias francesas e os autores latino-americanos. A questão tecnológica. A comunicação como uma ciência pós-disciplinar.	SODRÉ, Muniz. <i>A ciência do comum. Notas para o método comunicacional</i> . Petrópolis: Vozes, 2014. SODRÉ, Muniz. <i>Antropológica do espelho</i> . Vozes, 2002. ADORNO, T HORKHEIMER, M. <i>Dialética do esclarecimento</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 1985. MATTELART, Armand. <i>História das teorias da comunicação</i> . São Paulo: Loyola, 1999. HOHLFELDT, Antonio MARTINO, Luiz C. FRANÇA, Vera. <i>Teorias da comunicação</i> . Petrópolis: Vozes, 2001. <u>Bibliografia Complementar</u> SODRÉ, Muniz. <i>Antropológica do espelho</i> . Vozes, 2002. ADORNO, T HORKHEIMER, M. <i>Dialética do esclarecimento</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Linguagem Gráfica	60	4	Uso de elementos gráficos aplicados à Comunicação Visual. Fundamentos da cor relacionados à comunicação e aos processos de produção gráfica. Noções de planejamento visual, layout, diagramação e seleção de tipografia para projetos em diferentes suportes, físicos e digitais. Materiais para impressão, formatos e medidas. Relação entre as tecnologias digitais e a produção impressa. Análise e desenvolvimento de projetos gráficos.	DONDIS, Donis. <i>A sintaxe da linguagem Visual</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2000. FRASER, Tom; BANKS, Adam. <i>O guia completo da cor</i> . São Paulo: Senac, 2007. LUPTON, Ellen. <i>Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes</i> . São Paulo: Ed. Gustavo Gili Brasil, 2018.
Linguagem Fotográfica	60	4	História da Fotografia. Anatomia da câmera fotográfica. Os registros em grãos e pixels. Características técnicas e estéticas das objetivas. Noções básicas de composição e enquadramento. Usos da fotografia.	BENJAMIN, W. <i>Obras escolhidas</i> , vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1995. DUBOIS, P. <i>O ato fotográfico e outros ensaios</i> . Rio de Janeiro: Papyrus, 1990. SONTAG, S. <i>Ensaio sobre a fotografia</i> . Rio de Janeiro: Labor, 1990. <u>Bibliografia Complementar</u> BARTHES, R. <i>A câmara clara</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
Historia da Comunicação e do Jornalismo	60	4	Historicidade dos meios de comunicação em múltiplas temporalidades. A processualidade das transformações dos meios de comunicação e do jornalismo no Brasil e no Mundo. A mídia e o contexto cultural e comunicacional.	BARBOSA, Marialva. <i>História da Comunicação no Brasil</i> . Petrópolis: Vozes, 2013. BARBOSA, Marialva. <i>História cultural da imprensa (1900-2000)</i> . Rio de Janeiro: MauadX, 2007. BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. <i>História social da mídia: de Gutemberg à internet</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
Gêneros Jornalísticos	60	3	Conceito de paradigma – o olhar do narrador. A ética narrativa. Estilos e modos de enunciação no jornalismo. Conceitos de fato, notícia, reportagem, entrevista, biografia, perfil, crônica, editorial. Representação e verdade. Serviço, informação e opinião. Neutralidade, objetividade e isenção. O texto jornalístico em diferentes plataformas.	MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. <i>Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório</i> . INTERCOM: Revista de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 39, n.1, jan./abr. 2016. JORGE, Thais de Mendonca. <i>Manual do Foca – Guia de Sobrevivência para jornalistas</i> . São Paulo Ed Contexto, 2008. SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. <i>Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia</i> . Porto Alegre: Penso, 2011.

Comunicação e Artes	60	4	Fundamentos de Estética e conceitos de Arte. Arte como pensamento, tecnologia e comunicação. As artes visuais e seu relacionamento com as outras formas de expressão artística. Estética e Arte na cultura contemporânea. Arte e Política.	<p>BENJAMIM, Walter. <i>A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica</i>. In. BENJAMIM, Walter. <i>Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura</i>. São Paulo: Brasiliense, 1985 (p.196-165).</p> <p>FERREIRA, Glória. <i>Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas</i>. Rio de Janeiro: Funarte: 2006.</p> <p>RANCIERE, Jacques. <i>A partilha do sensível: Estética e Política</i>. São Paulo: 34, 2005.</p>
Teoria da Comunicação II	60	4	Visão crítica e epistemológica, centrada nos princípios de mediação e vinculação que visa problematizar questões como: espaço público e imagem pública; verdade e doxa; universal, uniforme e comum; representação e simulação; mediação e mediatização, realizando a análise da passagem da sociedade moderna disciplinar para o modelo contemporâneo de redes e controle. A entrada dos dispositivos móveis e as mudanças nas relações espaço-tempo: novas tecnologias, novas subjetividades	<p>FOUCAULT, Michel. <i>A ordem do discurso</i>. São Paulo, Ed. Loyola, 1996.</p> <p>FOUCAULT, Michel, <i>O Olho do poder</i>, In: <i>Microfísica do poder</i>, Graal, 1974</p> <p>DELEUZE, Gilles. <i>Conversações</i>. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.</p> <p><u>Bibliografia Complementar</u></p> <p>SINGER, <i>Modernidade, hiperestímulo e o início do espetáculo</i>. In <i>O cinema e a invenção da vida moderna</i>, Org Charney, Leo e Schwartz, V, São Paulo, Cosac& Naify, 2001</p> <p>TARDE, Gabriel, <i>A opinião e a conversação</i> In <i>A opinião e as massas</i>, Martins Fontes, 1992.</p> <p>TUCHERMAN, I, <i>Subjetividade contemporânea, dispositivos móveis e afetos</i>, revista Diapositiva, PUC- MG, 2017</p>

Introdução à Pesquisa em Jornalismo	60	4	Por que pesquisar? Desenho da investigação: questão ou hipótese, campo e análise. Principais caminhos da pesquisa em jornalismo. Abordagem historiográfica: biografia e monografia. Vertente socio-antropológica: estudo de caso, etnografia, netnografia, métodos híbridos. Análise de discurso: estudos dialógicos.	GIL, Antonio Carlos. Como elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010. LAGO, Claudia & BENETTI, Marcia (org) <i>Metodologia de pesquisa em jornalismo</i> , Petropolis, Vozes, 2007, 3ª edição. SOUZA SANTOS, Boaventura <i>Um discurso sobre as ciencias</i> . Porto, Edições Afrontamento, 2007, 15 edição. <u>Bibliografia Complementar</u> DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). <i>Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação</i> . São Paulo: Atlas, 2005. IANNI, Octávio. <i>Ensaio de sociologia da cultura</i> . Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1991. FREDERICO, Celso. <i>Sociologia da cultura: Lucien Goldmann e os debates do século XX</i> . São Paulo : Cortez, 2006.
Redação Jornalística I	60	3	Princípios teóricos, técnicos e históricos da redação jornalística. Estrutura da notícia: hierarquização e angulação. Lide e pirâmide invertida e sua transformação no século XXI. Critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Conceitos de imparcialidade, opinião e informação. Texto e processos de produção. Jornalismo especializado.	SODRÉ, Muniz. <i>A narração do fato</i> . Petrópolis: Vozes, 2009 NASCIMENTO, Patrícia Ceolindo; PRADO, Magaly. <i>Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia</i> . São Paulo : Saraiva, 2009. LAGE, Nilson; ROUCHOU, Joëlle <i>Teoria e técnica do textos jornalístico</i> . Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. <u>Bibliografia Complementar</u> MARTINS, Eduardo. <i>Manual de redação e estilo</i> . 3ª ed. São Paulo: O Estado São Paulo, 1997 GARCIA, Luiz (org.). <i>Manual de redação e estilo</i> . 2. ed. São Paulo : Globo, 1992.
Reportagem I	60	3	O processo de produção da notícia. Pautas, fontes, métodos de apuração e pesquisa jornalística. Relação entre apuração e texto final. Linha e estrutura editorial. Sentido social da notícia. Técnicas de entrevista e elaboração da reportagem. Verificação de dados, checagem e triangulação de fontes. Questões éticas na apuração.	PEREIRA JUNIOR, Luis Costa. <i>A Apuração da Notícia: métodos de investigação da imprensa</i> . 4ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. PINTO, Ana Estela de Sousa. <i>Jornalismo Diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios</i> . São Paulo: 2009 SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria H. <i>Técnica de Reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística</i> . São Paulo: Summus Editorial, 1986. <u>Bibliografia complementar</u> LAGE, Nilson. <i>Estrutura da notícia</i> . 2a. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Introdução à Linguagem Audiovisual	60	4	Construção sonora e visual. Relações entre o cinema e a televisão. Reflexão sobre a linguagem audiovisual no mundo contemporâneo. Instrumentos teóricos para uma melhor utilização da imagem e do som em diferentes contextos. Análise de documentários e grandes reportagens.	BERNARDET, J.C. <i>Cineastas e imagens do povo</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2003. BEZERRA, J.C. <i>Documentário e jornalismo: propostas para uma cartografia plural</i> . Rio de Janeiro: Garamond, 2014 LINS, Consuelo. <i>O cinema de Eduardo Coutinho</i> , Ed. Zahar. 2004. <u>Bibliografia Complementar</u> DA-RIN, S. <i>Espelho partido. Tradição e transformação do documentário</i> . Rio de Janeiro: Azouge, 2008 NICHOLS, B. <i>Introdução ao documentário</i> . Campinas: Papirus, 2008.
Antropologia e Comunicação	60	4	Sistemas simbólicos e sistemas de comunicação. A questão da diferença e a constituição do conceito de cultura: etnocentrismo, relativização e a perspectiva interpretativa. A relação indivíduo e sociedade e a dinâmica da cultura nas sociedades contemporâneas. Métodos de pesquisa etnográfica. Mídia e diversidade.	DA MATTA, Roberto. <i>Relativizando</i> . Petrópolis: Vozes, 1981. VELHO, Gilberto. <i>Projeto e Metamorfose</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 1994. GEERTZ, Clifford. <i>A interpretação das culturas</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
Radiojornalismo	60	3	Especificidades da linguagem radiofônica. Apuração, redação, produção, edição e montagem de produtos do gênero informativo: sínteses noticiosas, flashes, informativos especializados, reportagens, entrevistas, radiojornais e radiodocumentários. Script de programas radiojornalísticos e outros. Interação com o ouvinte.	CALABRE, Lia. <i>A era do rádio</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. FERRARETO, Luiz Artur. <i>Rádio: teoria e prática</i> . São Paulo: Summus, 2014. MOREIRA, Sonia Virgínia. <i>O rádio no Brasil</i> . Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000. 7 <u>Bibliografia complementar</u> PRADO, Emílio. <i>Estrutura da informação radiofônica</i> . São Paulo: Summus, 1989.
Mídia, Psicologia e Cognição	60	4	Bases filosóficas do conceito de sujeito. Revolução científica e sujeito pensante. Psicanálise e sujeito desejante. Tecnociência e sujeito cerebral. Comunicação, imagem e desejo. Sociedade contemporânea e subjetividades. Mídia e produção de subjetividades.	BAUDRILLARD, Jean. <i>O sistema dos objetos</i> . São Paulo: Perspectiva, 1973. FREUD, S. <i>Interpretação de sonhos</i> , Rio de Janeiro: Imago, 1984. FOUCAULT, M. <i>As Palavras e as Coisas</i> . Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1981. <u>Bibliografia Complementar</u> WOLF, F. <i>Nossa humanidade. De Aristóteles às neurociências</i> , São Paulo: UNESP, 2011.

Teorias do Jornalismo	60	4	O jornalismo como campo de conhecimento. Teoria e práxis jornalística. Principais abordagens teóricas dos estudos de jornalismo. Conceitos de neutralidade, imparcialidade e objetividade. Desafios para o estudo do jornalismo contemporâneo.	<p>TRAQUINA, Nelson. <i>Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são</i>. V. 1. Florianópolis: Insular, 2012.</p> <p>WOLF, Mauro. <i>Teorias das comunicações de massa</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2005.</p> <p>GENRO FILHO, Adelmo. <i>O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo</i>. Dissertação (mestrado) - UFSC, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis: 1987. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75390 Acesso em: 26 maio 2021</p> <p><u>Bibliografia Complementar</u></p> <p>BRUNS, Axel. <i>Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo</i>. Brazilian Journalism Research, volume II, número 2, 2014, p.224-247.</p> <p>PENA, Felipe. <i>Teoria do jornalismo</i>. São Paulo: Contexto, 2013.</p> <p>SODRÉ, Muniz. <i>A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento</i>. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.</p> <p>_____. <i>Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos</i>. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.</p>
Redação Jornalística II	60	3	Para além da pirâmide invertida. Princípios históricos, teóricos e técnicos do jornalismo narrativo. Experimentação em texto jornalístico. Livro reportagem e jornalismo <i>long form</i> . Descrição, narração e construção de personagens. Estrutura complexa e edição. Elementos gráfico-textuais e multimídia. Estratégias narrativas para mídias digitais.	<p>BARROS E SILVA, Fernando (org.). <i>Tempos instáveis – O mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da Piauí</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2016</p> <p>WALSH, Rodolfo. <i>Operação massacre</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.</p> <p>TALESE, Gay. <i>Fama e anonimato</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.</p> <p><u>Bibliografia complementar</u></p> <p>CAPOTE, Truman. <i>A sangue-frio: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências</i>. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.</p> <p>BARCELLOS, Caco. <i>Rota 66: a história da polícia que mata</i>. Rio de Janeiro: Record, 2006.</p> <p>LIMA, Edvaldo Pereira. <i>Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura</i>. Campinas: Unicamp, 1993.</p>

Fotojornalismo I	60	3	<p>A reportagem fotográfica ao longo da história. Fotojornalismo e fotografia documental. Fotojornalismo brasileiro, fotografia popular e midiativismo. Ensaio fotográfico e olhar autoral. Imagem digital, produção e veiculação de imagens na web. Edição fotográfica. A fotografia na mídia.</p>	<p>ROUILLE, Andre. <i>A fotografia entre documento e arte contemporânea</i>. São Paulo: Senac, 2009.</p> <p>SONTAG, Susan. <i>Diante da dor dos outros</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.</p> <p>SOUSA, Jorge Pedro. <i>Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa</i>. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004</p> <p><u>Bibliografia complementar</u></p> <p>CARTIER-BRESSON, Henri. <i>Escritos e reflexões sobre arte</i>. São Paulo : Cosac & Naify, 2007.</p> <p>MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. <i>A imprensa na história do Brasil: fotojornalismo no século XX</i>. Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio Desiderata, 2005.</p>
Fundamentos de Economia para Comunicação	60	4	<p>Conceitos fundamentais de macro e microeconomia. Aspectos básicos da história do pensamento econômico. Economia Política da Comunicação. Sistemas político-econômicos internacionais e brasileiros de comunicação.</p>	<p>BRIDGES, W. <i>Jobshift: um mundo sem empregos</i>. São Paulo: Makron, 1995.</p> <p>SINGER, P. <i>Aprender economia</i>. São Paulo: Contexto, 2001</p> <p>DANTAS, Marcos. <i>A lógica do capital - informação</i>. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.</p> <p><u>Bibliografia complementar</u></p> <p>LIMA, Heitor Ferreira. <i>Breve esboço das doutrinas econômicas</i>. In: <i>História do Pensamento Econômico no Brasil</i>. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, pp. 9-38.</p> <p>HARVEY, David. <i>O enigma do capital e as crises do capitalismo</i>. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.</p> <p>IANNI, Octávio. <i>Mídia, política e hegemonia</i>. In: <i>Globalização: dimensões e alternativas. Hegemonia e contra-hegemonia</i> (Vol. 2). SANTOS, Theotonio (Coord.). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.</p> <p>MARX, Karl. <i>Produção. Para a crítica da economia política</i>. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. (Coleção Os pensadores).</p>

Cultura e Relações Étnico-Raciais no Brasil	60	4	O estudo do cenário histórico da formação estrutural e cultural brasileira. As marcas coloniais e suas relações com os povos originários, a diáspora africana e os imigrantes. Liberdade e opressão religiosa. Identidade e subjetividade na construção de si e do outro em uma cultura de comunicação. Práticas cidadãs, ações afirmativas, gênero e interseccionalidade. As transformações do século XXI e o papel da mídia. Territórios simbólicos, mídia e diversidade.	<p>ARAÚJO, Joel Zito. <i>A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira</i>. São Paulo: SENAC, 2000.</p> <p>NASCIMENTO, Abdias. <i>O genocídio do negro brasileiro</i>. São Paulo: Perspectiva, 2016.</p> <p>RIBEIRO, Djamilia. <i>Lugar de fala</i>. São Paulo: Polén, 2019.</p> <p><u>Bibliografia Complementar</u></p> <p>FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS (BRASIL). <i>Guia para jornalistas sobre gênero, raça e etnia</i>. Brasília, DF: FENAJ ONU Mulheres, 2011.</p>
Análise das Práticas Discursivas	60	4	A questão da linguagem. Análise de conteúdo e análise de discurso. Interpretação em textos jornalísticos. Metodologias: semiótica, semiológica, pragmática e hermenêutica.	<p>MAINGUENEAU, Dominique. <i>Novas tendências em análise do discurso</i>. Campinas: Pontes, 1989.</p> <p>BARTHES, Roland. <i>Elementos de Semiologia</i>. São Paulo: Cultrix, 1989.</p> <p>RICOEUR, Paul. <i>Tempo e Narrativa</i>. Campinas: Papyrus, 1994.</p> <p><u>Bibliografia Complementar</u></p> <p>PINTO, Milton José. <i>Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos</i>. São Paulo: Hacker Editores, 1999.</p>
Reportagem II	60	3	Tipos de reportagem: setorizada, especializada, investigativa. Perfil e livro reportagem. Planejamento de coberturas e equipes de apuração. Custos e viabilidade. Relação entre elementos verbais e não verbais, da pauta à edição final. Questões éticas da reportagem.	<p>KOTSCHO, Ricardo. <i>A Prática da Reportagem</i>. São Paulo: Ática, 2004.</p> <p>MOLICA, Fernando (Org.). <i>Dez reportagens que abalaram a ditadura</i>. Rio de Janeiro: Record, 2005.</p> <p>LAGE, Nilson. <i>A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística</i>. Rio de Janeiro: Record, 2003.</p> <p><u>Bibliografia complementar</u></p> <p>ABRAMO, Cláudio. <i>A regra do jogo</i>. São Paulo: Cia das Letras, 1988.</p> <p>CALDAS, Álvaro (Org.). <i>Deu no jornal, o jornalismo impresso na era da internet</i>. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.</p> <p>LEWIS, Jon E. <i>O grande livro do jornalismo</i>. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.</p> <p>MALCOLM, Janet. <i>O jornalista e o assassino: uma questão de ética</i>. São Paulo: Cia das Letras; 1993.</p>

Webdesign	60	3	<p>Imagem na transmissão de informações. Organização do fluxo de informação em suportes analógicos e digitais. Comunicação visual para internet. Métodos de arquitetura de informação para objetivos jornalísticos em ambiente digital . Usabilidade e interfaces focadas na experiência do usuário. Estruturas básicas (hierarquia de traços, paleta de cores, tratamento de fontes). Infografia.</p>	<p>WILLIAMS, R. <i>Design para quem não é designer</i>: noções básicas de planejamento visual. São Paulo: Callis, 1995.</p> <p>LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. <i>Novos fundamentos do design</i>. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cosac Naify, 2015.</p> <p>DONDIS, Donis A. <i>Sintaxe da linguagem visual</i>. São Paulo: Martins Fontes. 2009</p> <p><u>Bibliografia Complementar</u></p> <p>MARTINS, Beatriz Cintra. <i>Autoria em rede</i>: os novos processos autorais através das redes eletrônicas. Rio de Janeiro: Maud X, 2014.</p> <p>HOLMES, Nigel. <i>Designer's Guide to Creating Charts & Diagrams</i>. New York: Paperback Editon, 1991.</p> <p>KRUG, Steve. <i>Não me faça pensar atualizado</i>: uma abordagem de bom senso à usabilidade na web e móbile. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.</p> <p>MURRAY, J. <i>Hamlet no Holodeck</i>. São Paulo: Editora UNESP, 2003.</p> <p>JENKINS, H. <i>Cultura da convergência</i>. São Paulo: Editora Aleph, 2008.</p>
Telejornalismo	60	3	<p>Das transmissões televisivas <i>broadcast</i> aos conteúdos e formatos audiovisuais noticiosos em múltiplas plataformas. Linguagem, papel social e lógica de produção do telejornal. Funções profissionais e formatos de notícias no telejornalismo. Técnicas de entrevista, redação jornalística para TV e gravação de reportagem.</p>	<p>BECKER, Beatriz. <i>Televisão e Telejornalismo: Transições</i>. São Paulo: Estação das letras e Cores, 2016</p> <p>MACHADO, Arlindo. <i>A Televisão Levada a Sério</i>, São Paulo: Senac, 2003</p> <p>OROZCO, Guillermo. <i>Televisão em Busca de Si Mesma</i>. In: <i>O Fim da Televisão</i>. CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (orgs.), Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.</p> <p><u>Bibliografia Complementar</u></p> <p>VIZEU, Alfredo (org.) <i>A sociedade do telejornalismo</i>. Petrópolis, RJ:Vozes, 2008.</p>

Política e Comunicação	60	4	Fundamento político da sociedade. As diferentes concepções de organização política. As relações Estado e sociedade civil. Democracia, seus modelos e limitações: das noções minimalistas de democracia, resumidas a pleitos eleitorais, às percepções ampliadas pela expansão de direitos. Comunicação política e opinião pública. Fundamentos dos direitos. Relações entre mídia e poder. Políticas de comunicação no Brasil.	BOBBIO, Norberto. <i>Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política</i> . Bauru: Editora Unesp, 2011. BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. <i>Campo aberto: para a crítica da epistemologia da comunicação</i> . Aracaju, SE: Diário Oficial do Estado de Sergipe, 2015 HABERMAS, Jurgen. <i>Mudança estrutural da esfera pública</i> . Bauru: Unesp, 2014.
Cibercultura	60	4	Conceitos. Teorias da Cibercultura. História da Internet. Tecnologias. Linguagens. Redes sociodigitais. Videojogos. Plataformas de áudio e vídeo. Algoritmos. Dados pessoais e monetização das práticas culturais nas redes. Reprodução social e resistências. Análise de grafos.	MORAES, Dênis. <i>Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede</i> , Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010. RÜDIGER, Francisco. <i>Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo</i> . Porto Alegre : Edipucrs, 2008. SIBILIA, Paula. <i>Show do Eu: a intimidade como espetáculo</i> , Rio de Janeiro: Contraponto, 2016 <u>Bibliografia Complementar</u> BARBROOKE, Richard. <i>Futuros imaginários: das máquinas pensantes à Aldeia Global</i> , São Paulo: Petrópolis, 2009. CASTELLS, Manuel. <i>A galáxia da Internet</i> , Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. JENKINS, Henry. <i>Cultura da convergência</i> , São Paulo: Aleph, 2012. LEMONS, André. <i>Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea</i> , Porto Alegre: Sulina, 2007. MATELLART, Armand. <i>História da Sociedade da Informação</i> , São Paulo: Loyola, 2009.
Marketing e Gestão para Jornalismo	60	4	Marketing em jornalismo para setor público, terceiro setor e cooperativismo. Planejamento, Estratégia e Marketing de organizações jornalísticas. Pesquisas de Marketing, Audiência e comportamento do consumidor de informação e notícias. Análise da concorrência, segmentação e posicionamento. Composto de Marketing, circulação e distribuição. Comercialização de produtos de mídia impressa, eletrônica e digital. Plano de Negócios e Gestão de Projetos.	KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. <i>Princípios de Marketing</i> . São Paulo: Pearson, 2015. OSTERWALDER, A; PIGNEUR, I. <i>Business model generation: inovação em modelos de negócios</i> . Rio de Janeiro : Alta Books, 2011. RIES, Al; TROUT, Jack. <i>Posicionamento: a batalha pela sua mente</i> . São Paulo: M. Books, 2009.

Assessoria de Imprensa e de Comunicação	60	3	<p>Assessoria de imprensa: história, técnicas, produtos e serviços. A assessoria de imprensa como braço da assessoria de comunicação. O conceito de comunicação organizacional integrada e suas ferramentas: da teoria à prática. Cultura organizacional e fluxos de comunicação no interior das organizações. O papel estratégico da comunicação no gerenciamento de crises de imagem. Do relacionamento com a mídia ao relacionamento em rede. Assessoria de imprensa e mídias digitais: desafios e oportunidades.</p>	<p>CHINEM, Rivaldo. <i>Assessoria de imprensa: como fazer</i>. São Paulo: Summus, 2003.</p> <p>DUARTE, Jorge (org.). <i>Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica</i>. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.</p> <p>KOPPLIN, Elisa e FERRARETTO, Luiz Artur. <i>Assessoria de Imprensa; Teoria e Prática</i>. 4. ed. -- Porto Alegre : Sagra Luzzatto, 2001.</p> <p><u>Bibliografia Complementar</u></p> <p>REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. <i>Tratado de comunicação organizacional e política</i>. 2. ed. rev. e ampl. -- São Paulo : Cengage Learning, c2011.</p> <p>BUENO, Wilson da Costa. <i>Comunicação empresarial: da rádio peão às mídias sociais</i>. São Bernardo do Campo, SP : Universidade Metodista de São Paulo, 2014.</p> <p>LEMOS, E.; FARIAS, L. A.; SCROFERNEKER, C. (org). <i>Margarida Maria Krohling: consolidação da comunicação organizacional e das relações públicas no Brasil</i>. S. Paulo: INTERCOM 2013</p> <p>FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (Fenaj). <i>Manual dos jornalistas em assessoria de comunicação</i>. Brasília, 2007</p> <p>GARCIA, Maria Tereza. <i>A arte de se relacionar com a imprensa</i>. São Paulo: Novatec, 2004.</p> <p>MAFEI, Maristela. <i>Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia</i>. São Paulo: Contexto, 2004.</p> <p>TAVARES, Maurício. <i>Comunicação empresarial e planos de comunicação</i>. São Paulo: Atlas, 2009.</p>
---	----	---	--	--

Inovação e empreendedorismo	60	4	Tendências de pesquisas e práticas profissionais. Desafios da contemporaneidade: inovação, empreendedorismo e experiências exitosas de produção inovadora de conteúdos e formatos.	<p>BECKER, Beatriz; WALTZ, Igor. <i>Mapping journalistic startups in Brazil: an exploratory study</i>. In: ROBINSON, Laura; SCHULZ, Jeremy; WILLIAMS, Apryl (org.). <i>Brazil: media from the country of the future</i>. Bingley [Reino Unido]: Emerald, 2017. (Studies in Media and Communications, v. 3). p. 113-135. (Disponível no Portal CAPES)</p> <p>FRANCISCATO, Carlos Eduardo. <i>Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em jornalismo</i>. Estudos de Mídia e Jornalismo. Florianópolis, v. 7, n. 1, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n1p8. Acesso em: 26 maio 2021</p> <p>BERTOCCHI, Daniela. <i>Startups de jornalismo: desafios e possibilidades de inovação</i>. Revista Contracampo, Niterói, v. 15, n. 1, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21901/14436. Acesso em: 26 maio 2021</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>BECKER, Beatriz; WALTZ, Igor; MACHADO, Heitor Leal; SILVA, Rafael Pereira. <i>Inovação e Juventude: um estudo sobre a produção e o consumo de notícias e o jornalismo porvir</i>. Comunicação e Inovação, v. 19, n. 40, 2018. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5172. Acesso em: 26 maio 2021</p>
Legislação e Ética no Jornalismo	60	4	Moral e ética. Deontologia do jornalismo. Desenvolvimento e regulamentação da atividade profissional no Brasil. Censura e limites à liberdade de expressão. Direito autoral. Legislação e Código de Ética do jornalista.	<p>CHRISTOFOLETTI, Rogério. <i>Ética no jornalismo</i>. Contexto, 2008</p> <p>KARAM, Francisco José. <i>Jornalismo, ética e liberdade</i>. São Paulo: Summus, 1997.</p> <p>PAIVA, Raquel (org.) <i>Ética, cidadania e imprensa</i>. Rio de Janeiro: Mauad, 2002</p>

Jornalismo de dados	60	3	<p>Jornalismo de Precisão, Reportagem Assistida por Computador (RAC), Jornalismo de Dados. Coleta, tratamento, análise, interpretação e visualização de dados. Narrativas guiadas por dados. <i>Big data</i>, dados estruturados e não estruturados. Softwares, aplicativos e linguagens de programação. Lei de Acesso à Informação e dados abertos.</p>	<p>DANTAS, H.; TOLEDO, J.R.; TEIXEIRA, M.A.C. (Orgs.) <i>Análise política & jornalismo de dados: ensaios a partir do Basômetro</i>. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014</p> <p>MEYER, Philip. <i>The new precision journalism</i>. Bloomington: Indiana University Press, 1991. Disponível em: https://carolinadatadesk.github.io/pmeyer/book/ Acesso em: 26 maio 2021.</p> <p>BOUNEGRU, L.; GRAY, J. (Ed.). <i>The data journalism handbook: towards a critical data practice</i>. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2021. Disponível em: https://datajournalism.com/read/handbook/two Acesso em: 26 maio 2021.</p> <p>Bibliografia complementar GRAY, J.; BOUNEGRU, L.; CHAMBERS, L. (Ed.). <i>The data journalism handbook: how journalists can use data to improve the news</i>. 1st ed. Sebastopol, CA: O'Reilly Media, 2012. Disponível em: https://open.umn.edu/opentextbooks/textbooks/651 Acesso em: 26 maio 2021.</p>
Pesquisa em Jornalismo	60	3	<p>Etapas de desenvolvimento do trabalho de final de curso; escolha do tema e do orientador; definição de objetivos; delimitação do tema; pesquisa bibliográfica; métodos de pesquisa; plano de trabalho; normas para elaborar monográficas e relatórios técnicos.</p>	<p>LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs) <i>Metodologia de pesquisa em jornalismo</i>. 3.ed. - Petrópolis: Vozes, 2010.</p> <p>BASTOS, Dau et al. <i>Monografia ao alcance de todos</i>. Garamond Universitária. 2010</p> <p>SEVERINO, Antonio Joaquim. <i>Metodologia do trabalho científico</i>. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016</p> <p>Bibliografia Complementar BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares (org) <i>A entrevista na pesquisa qualitativa - perspectivas em análise da narrativa e da interação</i>. Rio de Janeiro, Quarter Editora, 2013</p> <p>SENERA, Nelson de Castro. <i>O cotidiano da pesquisa</i>. São Paulo, Editora Atica, 1980. (Serie Princípios, 171).</p>

5.2 – Requisitos Curriculares Suplementares

5.2.1 – Estágio Supervisionado

NOME	CH	CR	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Estágio Supervisionado	200	4	Estágio em atividade compatível com as funções profissionais de jornalista, realizado em instituições públicas, privadas, do terceiro setor ou na própria instituição de ensino, em veículos autônomos ou assessorias profissionais, em conformidade com Resolução CEG 12/2008.	Não se aplica

5.2.2 – Projeto Experimental

NOME	CH	CR	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Projeto Experimental em Jornalismo	90	3	Elaboração do trabalho de final de curso. Confirmação do tema e do orientador. Coleta e tratamento dos dados e informações. Revisão da literatura. Normas para elaboração de monografias e relatórios técnicos.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade

5.2.3 - Extensão

NOME	CH	CR	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Atividade Curricular de Extensão	310	não	Atuação em atividades de extensão registradas na Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, como programas, projetos, cursos e eventos de extensão.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade

5.2.4 - Intercâmbio

NOME	CH	CR	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Atividade Curricular de Intercâmbio	240	não	Requisito Curricular Suplementar para aproveitamento de conteúdo cursado nas modalidades de Mobilidade Acadêmica (em programas do tipo ANDIFES) ou em programas de Intercâmbio Internacional.	

5.2.5 – Laboratórios

NOME	CH	CR	EMENTA	BIBLIOGRAFIA
Laboratório I	60	2	Atividade prática em jornalismo textual. A gramática da frase e do texto jornalístico. Coesão, coerência e argumentação. Pontuação, acentuação e conectivos. Elaboração de normas e critérios editoriais. Manuais de redação.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Laboratório II	30	1	Atividade prática em jornalismo fotográfico.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Laboratório III	30	1	Atividade prática em jornalismo sonoro. Técnicas básicas de leitura e interpretação oral de textos variados (web, rádio, TV, reportagens, entrevistas, comentários). Captação de áudio em estúdio e externa. Edição e montagem em softwares de áudio de produtos sonoros.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Laboratório IV	30	1	Atividade prática em jornalismo audiovisual. Gravação e edição de um telejornal. Da construção das pautas às noções básicas de edição de vídeo. Produção de noticiário televisivo.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Laboratório V	30	1	Atividade prática de jornalismo em múltiplas plataformas	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Laboratório VI	30	1	Atividade prática de jornalismo em mídias sociais	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Laboratório VII	30	1	Atividade prática de jornalismo e inovação.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Laboratório VIII	30	1	Atividade prática de jornalismo e cidadania	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade

5.3 – Disciplinas Complementares de Escolha Condicionada

5.3.1 – Formação para pesquisa

NOME	CH	CR	EMENTA	BIBLIOGRAFIA
Sociologia e Comunicação	60	4	Introdução ao pensamento sociológico pela descrição histórica de autores e obras. Nomes fundamentais no Brasil e no exterior. Estado atual de desenvolvimento da disciplina no Brasil. Importância da investigação sociológica para o diagnóstico de problemas sociais. Formação de centros de pesquisa e repercussões acadêmicas.	MILLS, C. Wright. <i>A Imaginação Sociológica</i> . Ed. Zahar FERNANDES, Florestan. <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> Cia. Editora Nacional. MORAES FILHO, Evaristo de (org.). <i>Sociologia</i> . Ed. Ática
História da Arte e da Comunicação	30	2	Compreensão, identificação e contextualização das variáveis dos fenômenos artístico-culturais, em correspondência com as linguagens e processos de comunicação. A partir de interpretações simbólicas, estéticas, analíticas, formais e técnicas das obras de arte visuais, pretende-se explorar as camadas de significados que elas contêm, bem como a experiência qualitativa que provocam, desde as suas primeiras manifestações até os dias de hoje.	ARGAN, Giulio Carlo. <i>Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2001. GOMBRICH, Ernst Hans. <i>História da arte</i> . 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. HAUSER, Arnold. <i>História social da arte e da literatura</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2000. <u>Bibliografia Complementar</u> JANSON, Horst Woldemar; JANSON, Anthony F. <i>Iniciação à história da arte</i> . 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
Comunicação e Arte Contemporânea I	60	4	O hipertexto como campo conceitual múltiplo, com seus sistemas, programas e interfaces, que vão da multimídia à Web, que permite reencenar e repensar a história e a cultura da escrita.	LÉVY, Pierre. <i>As tecnologias da inteligência</i> . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993 CHARTIER, Roger. <i>A aventura do livro do leitor ao navegador</i> . São Paulo: UNESP, 1998. PARENTE, André. <i>O virtual e o hipertextual</i> . Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.
Comunicação e Arte Contemporânea II	60	4	A imagem em suas dimensões técnicas, discursivas, cognitivas e afetivas. Análise das alterações provocadas pelas novas tecnologias da imagem, em particular a realidade virtual e a multimídia sobre os sistemas comunicacionais.	PARENTE, André (org.). <i>Imagem-Máquina</i> . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. AUMONT, Jacques. <i>A imagem</i> . Campinas: Papirus, 1993. DEBRAY, Régis. <i>Vida e morte da Imagem. Uma história do olhar no Ocidente</i> . Petrópolis: Vozes, 1993.

Comunicação e Arte Contemporânea III	60	4	Os processos interativos experimentais em obras que transformaram a produção estética do século XX através de trabalhos gerados por operações com novos dispositivos tecnológicos de comunicação. Discutir a construção de interfaces poéticas que inauguram um amplo e novo campo da comunicação como arquitetura da informação.	MACHADO, Arlindo. <i>Máquina e Imaginário</i> . São Paulo: EDUSP, 1993. DOMINGUES, Diana. <i>A arte no século XXI</i> . São Paulo: UNESP, 1997. POPPER, Frank. <i>Art of the electronic age</i> . Nova York: Tames and Hudson, 1993.
Comunicação e Arte Contemporânea IV	30	2	Tópicos especiais em arte contemporânea	MACHADO, Arlindo. <i>Máquina e Imaginário</i> . São Paulo: EDUSP, 1993. DEBRAY, Régis. <i>Vida e morte da Imagem. Uma história do olhar no Ocidente</i> . Petrópolis: Vozes, 1993. AUMONT, Jacques. <i>A imagem</i> . Campinas: Papirus, 1993.
Comunicação Cidadania e Política I	60	4	Indivíduo, sociedade e construção da noção de cidadania na modernidade. Meios de comunicação, as fronteiras e interações entre o público e o privado. Análise do caso brasileiro.	DAMATTA, Roberto. <i>A Casa e a Rua</i> . Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. SENNETT, Richard. <i>O declínio do homem público</i> . São Paulo: Cia. das Letras, 1990. TURKLE, Sherry. <i>A Vida no Ecran. A identidade na era da Internet</i> . Lisboa: Ed. Relógio d'Água, 1997.
Comunicação Cidadania e Política II	60	4	As relações de poder nos processos de comunicação. Processos subjetivos em jogo nas configurações contemporâneas de poder. Impacto das novas tecnologias sobre discursos e práticas políticas. Análise do contexto brasileiro.	DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. <i>Mil Platôs</i> . Rio de Janeiro: Ed. 34, 5 vols., 1995-1997. FOUCAULT, Michel. <i>Microfísica do Poder</i> . Rio de Janeiro: Ordem do Graal, 1990. LEVY, Pierre. <i>Cibercultura</i> . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
Comunicação Cidadania e Política III	60	4	Emergências de novos sujeitos sociais e a rearticulação do campo da política. Globalização, fragmentação e pluralidade no mundo contemporâneo.	FEATHERSTONE, Mike. (org.) <i>Cultura Global. Nacionalismo, globalização e modernidade</i> . Petrópolis, Vozes, 1995. HOLLANDA, Heloisa B. (org.) <i>Pós-Modernismo e Política</i> . Rio de Janeiro: Rocco, 1991. HALL, Stuart. <i>Identidades culturais na pós-modernidade</i> . Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
Comunicação Cidadania e Política IV	60	4	Tópicos especiais em comunicação e política.	HOLLANDA, Heloisa B. (org.) <i>Pós-Modernismo e Política</i> . Rio de Janeiro: Rocco, 1991. HALL, Stuart. <i>Identidades culturais na pós-modernidade</i> . Rio de Janeiro: DP&A, 1997. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. <i>Mil Platôs</i> . Rio de Janeiro: Ed. 34, 5 vols., 1995-1997.

Comunicação, Globalização e Sociedade Tecnológica I	60	4	Tempo e comunicação na Sociedade Tecnológica Globalizada. As novas estruturas de experimentação dos dispositivos de tempo da modernidade e na contemporaneidade. A interação dos dispositivos de tempo com as redes de individualização, informação e virtualização características da cultura comunicacional contemporânea. Tempo e condicionamento do homem, do mundo e da história.	FOUCAULT, Michel. <i>As Palavras e as Coisas</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1981. HEIDEGGER, M. <i>Os Pensadores</i> , São Paulo: Nova Cultural, 1984. BAUMAN, Zygmunt <i>O Mal Estar na Pós Modernidade</i> , Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. <u>Bibliografia Complementar</u> VIRILIO, Paul. <i>Espaço Crítico</i> . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
Comunicação, Globalização e Sociedade Tecnológica II	60	4	Espaço e Globalização na Sociedade Tecnocomunicacional. Espacialidade e novas distribuições entre o humano e no não-humano. Hibridismo cultural e mediação generalizada. A cultura como interface: os novos processos de individuação e virtualização. Excesso de informação e agentes informacionais no espaço da rede.	DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. <i>Mil Platôs</i> Rio de Janeiro: Ed. 34, 5 vols., 1995-1997. JOHNSON, Steven. <i>A Cultura da Interface</i> , Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. NEGRI, Antônio e HARDT, Michael. <i>Empire</i> . Massachusetts: Harvard University Press, 2000. <u>Bibliografia Complementar</u> IANNI, Otávio. <i>Teorias da Globalização</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
Comunicação, Globalização e Sociedade Tecnológica III	60	4	Sujeito e Comunicação na tecnocultura Globalizada. Mídia e valor na tecnocultura; mediação generalizada e rede; disciplina e controle. As tecnologias da informação e a multiplicação cognitiva: bancos de dados, divinduação e excesso de informação na determinação da subjetividade. Inteligência artificial e consciência contemporânea. Sociabilidade e identidade na internet.	DELEUZE, Gilles. <i>Conversações</i> . Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. DENNETT, Daniel. <i>A Perigosa Idéia de Darwin</i> . Rio de Janeiro: Rocco, 1998. TURKLE, Sherry. <i>A Vida no Ecran. A identidade na era da Internet</i> . Lisboa: Ed. Relógio d'Água, 1997.
Comunicação, Globalização e Sociedade Tecnológica IV	60	4	Tópicos especiais sobre globalização e sociedade tecnológica.	TURKLE, Sherry. <i>A Vida no Ecran. A identidade na era da Internet</i> . Lisboa, Ed. Relógio d'Água, 1997. JOHNSON, Steven. <i>A Cultura da Interface</i> , Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BAUMAN, Zygmunt <i>O Mal Estar na Pós Modernidade</i> , Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
Comunicação, Espetáculo e Cultura I	60	4	Os novos rituais da comunicação e as novas formas de sociabilidade. As redefinições do sagrado e do profano. Mitologias da pós-modernidade. Análise do caso brasileiro.	DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gianni (orgs.). <i>A Religião</i> . São Paulo: Estação Liberdade, 2000. MAFFESOLI, Michel. <i>O tempo das tribos</i> . Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. DEBRAY, Régis. <i>Curso de Midiologia Geral</i> . Petrópolis: Vozes, 1990.

Comunicação, Espetáculo e Cultura II	60	4	A lógica política e cultural do consumo. Estilo de vida, consumo e cidadania. A redefinição das fronteiras: mídia e culturas híbridas. Análise do caso brasileiro.	EWEN, Stuart. <i>Todas las imágenes del consumismo. La política del estilo en la cultura contemporánea</i> . México D.F., Grijalbo, 1991. CANCLINI, Néstor Garcia <i>Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade</i> . São Paulo: EDUSP, 1997. HALL, Stuart. <i>Identidades culturais na pós-modernidade</i> . Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
Comunicação, Espetáculo e Cultura III	60	4	Da cultura letrada ao audiovisual: da narrativa literária à narrativa cinematográfica e televisiva. Análise comparativa e tendências contemporâneas.	MATTELART, Armand e Michele. <i>O carnaval das Imagens: a ficção na TV</i> . São Paulo: Brasiliense, 1989 XAVIER, Ismail. <i>O discurso cinematográfico</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. JAMESON, Frederic. <i>Marcas do visível</i> . Rio de Janeiro: Graal, 1990
Comunicação, Espetáculo e Cultura IV	60	4	Apresentação das principais teorias e movimentos cinematográficos. O cinema das origens. O Cinema Narrativo Clássico. Vanguardas Históricas. O Cinema Moderno. Cinema no Brasil. Para além do Cinema.	DA COSTA, Flavia. <i>O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação</i> . São Paulo: Scritta, 1995. XAVIER, Ismail. <i>O discurso cinematográfico</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. DELEUZE, Gilles. <i>A Imagem-Movimento e A Imagem Tempo</i> . São Paulo: Brasiliense, 1990. <u>Bibliografia Complementar</u> MACHADO, Arlindo. <i>Pré-cinemas e Pós-Cinemas</i> . Campinas: Papyrus, 1997.
Comunicação, Espetáculo e Cultura V	60	4	Estética, teoria do gosto e razão das formas sensíveis na vida social. A obra de arte em face da produção e consumo em massa de bens culturais. Os meios de comunicação enquanto dispositivos de estetização: sociedade do espetáculo e crítica contemporânea da estética.	EAGLETON, Terry. <i>Ideologia da Estética</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. LIMA, Luis Costa (org.) <i>Teoria da Cultura de Massa</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. DEBORD, Guy. <i>A sociedade do espetáculo</i> . Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. <u>Bibliografia Complementar</u> HUYSSSEN, Andreas. <i>Memória do modernismo</i> . Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
Comunicação, Espetáculo e Cultura VI	60	4	Tópicos especiais sobre a espetacularização da cultura contemporânea.	DELEUZE, Gilles. <i>A Imagem-Movimento e A Imagem Tempo</i> . São Paulo: Brasiliense, 1990. DEBORD, Guy. <i>A sociedade do espetáculo</i> . Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. JAMESON, Frederic. <i>Marcas do visível</i> . Rio de Janeiro: Graal, 1990.

Fundamentos Direitos Humanos	60	4	Visa a necessidade e a possibilidade de uma fundamentação filosófica dos direitos humanos, para determinar o conteúdo e construir argumentos racionais na sua implementação. Identificando os principais desafios para afirmação e a realização dos direitos humanos e conhecer algumas propostas contemporâneas de Fundamentação Filosófica dos Direitos Humanos.	ALVES, J. A. Lindgren. <i>Os Direitos Humanos como Tema Global</i> . São Paulo: Perspectiva/FUNAG, 1994. ARENDT, Hanna. <i>A condição humana</i> . Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1993. _____. <i>Origens do totalitarismo</i> . São Paulo: Cia. das Letras, 2008. BALDI, Augusto Cesar (org.). <i>Direitos Humanos na Sociedade Cosmopolita</i> . Rio de Janeiro: Renovar, 2004.
Fundamentos de Políticas Públicas em Direitos Humanos	60	4	Tem por finalidade discutir a necessidade e a possibilidade de uma fundamentação filosófica das políticas públicas, para construir argumentos racionais na sua implementação e identificar os principais desafios para sua afirmação e realização. Conhecer algumas propostas contemporâneas de fundamentação filosófica das políticas em direitos humanos.	BARBALET, J. M. <i>A Cidadania</i> . Lisboa: Editorial Estampa, 1989. BAUMAN, Zygmunt. <i>Comunidade: a busca da segurança no mundo atual</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. BECKER, Howard S. <i>Métodos de pesquisa em ciências sociais</i> . São Paulo: Hucitec, 1999. <u>Bibliografia Complementar</u> BELLONI I, Magalhães h. / Souza L; <i>Metodologia de avaliação em políticas públicas</i> . São Paulo (Cortez) 2003.
Teoria dos direitos fundamentais	60	4	Tem como objetivo discutir uma teoria dos direitos fundamentais com base nas normas positivadas constitucionais, no direito comparado e na jurisprudência, proporcionando ao aluno uma visão sobre alcance e limites da proteção e promoção destes direitos.	ABRAMOVAY, Ricardo. <i>Direitos fundamentais das minorias (sob o enfoque da Lei nº9.882/99)</i> . Leme: Anhanguera Editora, 2010. ALEXY, Robert. <i>Teoria de los derechos fundamentales</i> , trad. Ernesto Garzón Valdés. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1993. ANDRADE, José Carlos Vieira de. <i>Os direitos fundamentais na Constituição portuguesa de 1976</i> . 3ª ed. Coimbra: Almedina, 2007. <u>Bibliografia Complementar</u> BULOS, Uádi Lammêgo. <i>Curso de Direito Constitucional</i> . 3. ed. São Paulo: Saraiva: 2008 CANOTILHO, José Joaquim Gomes. <i>Direito constitucional e teoria da constituição</i> , 7ª ed. Coimbra: Almedina, 2003. SILVA, José Afonso da. <i>Curso de Direito Constitucional Positivo</i> . 31. ed. São Paulo: Malheiros, 2008.

Tópicos Esp. Políticas Públicas em Direitos Humanos I a V	60	4	Discussão de temas específicos em políticas públicas e direitos humanos com base no processo histórico e nas críticas contemporâneas, proporcionando ao aluno uma visão sobre o alcance e limites da sua proteção e promoção.	BOBBIO, Norberto. <i>A era dos direitos</i> . Rio de Janeiro: Campus, 1992. BOURGUIGNON, Jussara Ayres; OLIVEIRA Jr., Constantino Ribeiro de (Orgs.). <i>Pesquisa em ciências sociais: interfaces, debates e metodologias</i> . Ponta Grossa (PR): Todapalavra, 2012. BRASIL, <i>Programa Nacional de Direitos Humanos</i> , PNDH II, Fernando Henrique Cardoso, Brasília, Presidência da República, Secretaria da Comunicação Social, Ministério da Justiça, 2002. BUCCI, Maria Paula Dalari Et. al. (Orgs.). <i>Direitos Humanos e políticas públicas</i> . São Paulo: Pólis, 2001. FAORO, Raymundo. <i>Os donos do poder</i> . Rio de Janeiro, Editora Globo, 1958.
Tópicos Esp. Políticas Públicas em Direitos Humanos VI e VII	30	2		

5.3.2 – Jornalismo especializado

NOME	CH	CR	EMENTA	BIBLIOGRAFIA
Jornalismo Econômico	30	2	O jornalismo de economia: conceito geral; características; paradoxos e importância da cobertura especializada; principais fontes. Conceitos e índices fundamentais de Economia: inflação, juros, câmbio, PIB, IDH.	BASILE, Sidnei. <i>Elementos de jornalismo econômico</i> . Negócio Editora. CALDAS, Suely. <i>Jornalismo econômico</i> . Ed. Contexto: 2003. LENE, Hérica. <i>O jornalismo de economia no Brasil</i> . Cruz das Almas-BA: Ed. da UFRB, 2013. <u>Bibliografia Complementar</u> KUCINSKI, Bernardo. <i>Jornalismo econômico</i> . São Paulo: Editora da USP, 2000.
Jornalismo Cultural	30	2	As especificidades do jornalismo cultural e as transformações midiáticas no século XXI. Cultura, modos de vida e jornalismo cultural: inter-relações. O jornalismo cultural em ambientes digitais	BEIIGUELMAN, Giselle et AL. <i>Rumos do jornalismo cultural</i> . São Paulo: Summus, 2007. DAPIEVE, Arthur. <i>Jornalismo cultural</i> . In: CALDAS, Álvaro (Org) <i>Deu no jornal: jornalismo impresso na era da internet</i> . Rio de Janeiro: Loyola: PUC-Rio, 2002. PIZA, Daniel. <i>Jornalismo cultural</i> . São Paulo: Contexto, 2003.
Não Ficção Criativa	30	2	O universo da não ficção explorado através do ensaio e da crônica, dois gêneros híbridos em diálogo permanente – e às vezes conflituoso – com o jornalismo. Discussão de história e conceitos básicos e leitura comparada de textos.	ADORNO, Theodor. <i>Notas de Literatura I</i> . São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2008 CANDIDO, Antonio. <i>Recortes</i> . Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004 MONTAIGNE, Michel. <i>Ensaio</i> . São Paulo: editora 34, 2016

Jornalismo Literário	30	2	Jornalismo e literatura: correlações históricas. A questão da narrativa. Historicidade do jornalismo literário no Brasil. O gênero, seus formatos na mídia brasileira. Fundamentos teóricos do jornalismo literário. Nuances e criatividade textual.	MARTINEZ, Monica. <i>Jornalismo literário: tradição e inovação</i> . Florianópolis: INSULAR, 2016. PENA, Felipe. <i>Jornalismo literário</i> . São Paulo; Contexto, 2006. CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). <i>Jornalismo e literatura: a sedução da palavra</i> . São Paulo: Escrituras, 2005 <u>Bibliografia Complementar</u> COSTA, Cristiane. <i>Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil – 1904-2004</i> . São Paulo: Cia das Letras, 2005.
Jornalismo Esportivo	30	2	Relação entre esporte e mídia. Origem e desenvolvimento do jornalismo esportivo no Brasil. O rádio e a difusão do futebol. Televisão e direitos de transmissão. Jogos Olímpicos e Copa do Mundo como espetáculos midiáticos. Assessoria de imprensa e divulgação esportiva. Pauta, apuração e redação de notícias sobre esporte.	BOURDIEU, Pierre. <i>Os Jogos Olímpicos</i> . In.: <i>Sobre a televisão</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. RIBEIRO, André. <i>Os donos do espetáculo</i> . São Paulo. Ed. Terceiro Nome, 2007. STYCER, Maurício. <i>História do Lance!</i> São Paulo: Alameda, 2009.
Jornalismo Político	60	3	Relação jornalismo e política na sua dimensão histórica no Brasil. O campo da política e do jornalismo no espaço público comunicacional contemporâneo. A questão teórica do poder. A autoridade jornalística e os sistemas de valores do jornalismo. Especificidade narrativa do jornalismo político.	LIMA, V. A. <i>Mídia, teoria e política</i> . São Pulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. MIGUEL, L. F. <i>Política e mídia no Brasil: episódios da história recente</i> . Brasília: Plano, 2002. CORREIA, João Carlos; FERREIRA, Gil Baptista e ESPIRITO SANTO, Paula (org.) <i>Conceitos de comunicação política</i> . Covilhã: Livroslabcom, 2010.
Jornalismo Comunitário	30	2	Histórico do desenvolvimento da Comunicação Comunitária na América Latina e no Brasil. Jornalismo comunitário e cidadania: a busca pelo “comum”. Os vínculos comunitários. A narrativa inclusiva e o lugar do comunitário. Principais conceitos. Estratégias da comunicação realizada no contexto dos movimentos sociais. Experimentações práticas e/ou de observação participante.	COUTINHO, Eduardo G. <i>Comunicação e contra-hegemonia</i> . Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008. MACHADO, A.; MAGRI, C.; MASAGÃO, M. <i>Rádios livres – a reforma agrária no ar</i> . São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. PAIVA, Raquel. <i>Espírito comum – comunidade, mídia e globalismo</i> . Petrópolis: Vozes, 1998. / 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. <u>Bibliografia Complementar</u> PAIVA, Raquel. (Org.). <i>O retorno da comunidade: os novos caminhos do social</i> . Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Técnica de Entrevista	30	2	As características da entrevista jornalística. Técnicas de produção de entrevistas para as diferentes mídias. Os diferentes tipos de entrevistas. A escolha do entrevistado. Elaboração do roteiro de entrevista; edição e finalização. Entrevista como fonte de reportagem. A transformação da entrevista em reportagem. Questões éticas.	CAPUTO, Stela Guedes. <i>Sobre Entrevistas: teoria, prática, experiências</i> . Petrópolis: Vozes, 2006. LAGE, Nilson. <i>A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística</i> . Rio de Janeiro: Record, 2001. MEDINA, Cremilda. <i>Entrevista: o diálogo possível</i> . São Paulo: Ática, 1990. <u>Bibliografia Complementar</u> MÜHLHAUS, Carla. <i>Por trás da entrevista</i> . Rio de Janeiro: Record, 2007. OYAMA, Thaís. <i>A arte de entrevistar bem</i> . 2a Ed. São Paulo: contexto, 2014.
Jornalismo Investigativo	60	3	Antecedentes históricos e panorama atual do jornalismo investigativo. Planejamento de uma investigação jornalística: da hipótese à verificação/ checagem. Fontes documentais e pesquisa. A entrevista como técnica de investigação. Técnicas de infiltração e inserção em área de conflito. Jornalismo investigativo na internet e em espaços alternativos. Emprego da lei de acesso à informação. Aspectos legais e deontológicos da investigação jornalística.	FORTES, Leandro. <i>Jornalismo Investigativo</i> . São Paulo: Contexto, 2005. FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER. <i>Manuais de Jornalismo de Investigação</i> . KAS, 2010. Disponível em: http://www.sand-kasten.org/ijm/por/wordpress/ HUNTER, Mark Lee. <i>A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos</i> . UNESCO, 2013. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456POR.pdf
Jornalismo Científico	30	2	A ciência como notícia. A relevância social do jornalismo científico. Apresentação e revisão dos conceitos fundamentais do jornalismo aplicado à ciência. Principais fontes de informação científica para o jornalista. Critérios científicos e jornalísticos de validação da informação. Temas fundamentais da ciência contemporânea e a sua incidência no noticiário. Mediação e obstáculos à democratização do conhecimento. Ciência, Tecnologia e Sociedade.	ELÍAS, Carlos. <i>Fundamentos de Periodismo Científico y Divulgación Mediática</i> . Madrid: Alianza Editorial, 2008. HERNANDO, Manuel Calvo. <i>Manual de Periodismo Científico</i> . Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1997. OLIVEIRA, Fabíola. <i>Jornalismo Científico</i> . São Paulo: Contexto, 2002.

Jornalismo Ambiental	30	2	Princípios e conceitos do jornalismo ambiental. Ecologia, meio ambiente e sustentabilidade. A cobertura de temas ambientais pela mídia. Temas prioritários e fontes de informação. Práticas jornalísticas, complexidade e transversalidade da pauta socioambiental. Padrões de consumo e modelos de desenvolvimento. Mudanças ambientais globais e questões emergentes na esfera local. Desenvolvimento sustentável, responsabilidade social e consumo consciente. Ética, cidadania e jornalismo ambiental.	BUENO, Wilson da Costa. <i>Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa</i> . São Paulo: Mojoara, 2007. GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHUWAAB, Reges Toni. (Orgs.). <i>Jornalismo ambiental: desafios e reflexões</i> . Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008. TRIGUEIRO, André. <i>Mundo Sustentável – Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação</i> . São Paulo: Editora Globo, 2005.
Jornalismo Construtivo	30	2	Jornalismo construtivo: conceito, fundamentos e aplicações. Os critérios de noticiabilidade e o foco no negativo. A superexposição ao negativo e os seus impactos na sociedade. A mudança de paradigma na produção de notícias: o jornalismo orientado para o futuro e a ênfase na solução de problemas. A contextualização e o equilíbrio (positivo/negativo) na elaboração de reportagens <i>slow food</i> . As redes sociais e o engajamento em torno de narrativas construtivas. O jornalismo hoje e as perspectivas para o futuro. Desafios para o estudo do jornalismo contemporâneo.	GYLDENSTED, Cathrine. <i>From Mirrors to Movers: Five Elements of Positive Psychology in Constructive Journalism</i> . GGGroup Publishing, 2015. _____. <i>Innovating News Journalism through Positive Psychology</i> . Master of Applied Positive Psychology (MAPP) Capstone Projects. 20. 2011. Disponível em: http://repository.upenn.edu/mapp_capstone/20 HAAGERUP, Ulrik. <i>Constructive News: Why negativity destroys the media and democracy - And how to improve journalism of tomorrow</i> . InnoVatio Publishing AG, 2014. <u>Bibliografia Complementar</u> https://constructiveinstitute.org/ https://www.positive.news/
Jornalismo Especializado A/B/C/D	30	2	Especialização em editoriais e veículos. Reportagem, redação, edição e veiculação de matérias especializadas.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Jornalismo Especializado E/F/G	30	2	Especialização em tecnologias, linguagens, suportes, editoriais e veículos jornalísticos.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Seminários em Jornalismo A/B/C	60	4	Estudo interdisciplinar de novos conceitos, métodos e linguagens jornalísticas. Pesquisas e estudos recentes sobre Jornalismo.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Seminários em Jornalismo D/E/F	60	4	Estudo interdisciplinar de novas tecnologias, conceitos, métodos e linguagens jornalísticas.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade

Est. da Língua Brasileira de Sinais I	60	4	Nomes próprios; pronomes pessoais; demonstrativos; possessivos; locativos em sentenças simples do tipo pergunta-resposta com "o que" e "quem" e outros vocábulos básicos; numerais; quantidade; topicalização; flexão verbal; flexão de negação; expressões faciais e corporais; percepção visual; conversação; diálogos; textos: LIBRAS, cultura e comunidade surda.	BRITO, L. F. <i>Por uma gramática de língua de sinais</i> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. <i>LIBRAS em contexto. Curso Básico</i> . Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001. GESSER, A. <i>Libras - Que língua é essa? Crença e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda</i> . Florianópolis: Parábola, 2009. <u>Bibliografia Complementar</u> STROBEL, K. L. <i>As imagens do outro sobre a cultura surda</i> . Florianópolis: EdUFSC, 2008.
---------------------------------------	----	---	---	--

5.3.3 – Jornalismo audiovisual e digital

NOME	CH	CR	EMENTA	BIBLIOGRAFIA
Produção para Rádio	60	3	O processo de produção e apresentação de conteúdos radiofônicos, da concepção à execução; roteiro; sonoplastia; organização e planejamento de coberturas e programas especiais; Programação.	BARBOSA FILHO, André. <i>Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio</i> . São Paulo: Edições Paulinas, 2003. HAUSMAN, Carl. <i>Rádio: produção, programação e performance</i> . São Paulo: Cengage Learning, 2010. MCLEISH, Robert. <i>Produção de rádio – um guia abrangente de produção radiofônica</i> . São Paulo: Summus, 2001 <u>Bibliografia Complementar</u> KAPLÚN, Mario. <i>Producción de programas de radio: el guión, la realización</i> . Quito: Ciespal, 1978
Audiojornalismo	60	3	Novas abordagens e usos do áudio no jornalismo radiofônico. Construção sonora. Radiojornalismo Experimental. Rádio e Internet. Podcast.	BARBEIRO, Heródoto. <i>Manual de Radiojornalismo : produção, ética e internet</i> . 2ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2003. BIANCO, Nelia R. Del (org.). <i>O rádio brasileiro na era da convergência</i> . São Paulo: Intercom, 2012. KISCHINHEVSKY, Marcelo. <i>O rádio sem onda. Convergência digital e novos desafios na radiodifusão</i> . Rio de Janeiro: E-papers, 2007. <u>Bibliografia Complementar</u> MEDITSCH, Eduardo. <i>O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo</i> . Florianópolis: Ed. Insual, UFSC, 2001.

Jornalismo Audiovisual	60	3	Influências de gêneros distintos em textos informativos em áudio e vídeo. Análise de narrativas jornalísticas audiovisuais e de seus modos de produção de sentidos. O protagonismo do vídeo em conteúdos e formatos noticiosos no ambiente digital. Produção e consumo de notícias que utilizam a linguagem audiovisual e recursos multimídia em diferentes dispositivos.	MACHADO, Arlindo. <i>Pré-Cinema & Pós-Cinemas</i> . Papirus: São Paulo, 2011. SANTAELLA, L. <i>Novas Formas do Audiovisual</i> . São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016. BECKER, B. <i>Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais</i> . Revista Matrizes, USP: São Paulo, a. 5, n. 2, jan./jun. 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/38335/41197
Jornalismo Multimídia	60	3	Distintas escrituras de conteúdos informativos que incorporam a linguagem audiovisual emergem no ambiente digital convergente. Reflexão crítica sobre a hibridização de gêneros, grandes reportagens multimídia e narrativas jornalísticas transmídia. Exploração da hipertextualidade na construção de relatos jornalísticos na web.	ALZAMORA, G. TÁRSIA, L. <i>Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo</i> . Brazilian Journalism Research, V.8, N.1, 2012. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401/370 LONGHI, Raquel; Winques, Kérley. <i>O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo</i> . Brazilian Journalism Research (Online), v. 11, p. 110-127, 2015. PALACIOS, M.; MIELCNIZUK, L.; BARBOSA, S.; RIBAS, B.; NARITA, S. <i>Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro</i> . Salvador, 2002. Disponível em: https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf
Etnografias e culturas digitais	60	4	O estudo da etnografia no contexto da cultura digital, novos paradigmas e desafios. Relações entre tecnologias e humanidades a partir da perspectiva teórica da antropologia digital, especialmente na tradição inglesa. Os desdobramentos da abordagem da cultura da conectividade em análise da historicidade das mídias sociais. A abordagem etnográfica, a observação participante e o conceito do pesquisador-insider no contexto da Internet. Estudos de antropologia comparada em etnografias digitais.	HINE, Christine. <i>Ethnography for the internet. Embedded, embodied and everyday</i> . London: Bloomsbury Academic, 2015. MACHADO, Monica. <i>Antropologia Digital e experiências virtuais do Museu de Favela</i> . Curitiba: Ed. Appris, 2017. HORST, Heather; MILLER, Daniel. <i>Digital Anthropology</i> . London: Bloomsbury Academic, 2012.

Documentário	30	2	A construção do real na tradição do cinema documentário. Relações do documentário com o cinema de ficção. O documentário contemporâneo no cinema e na televisão. Diferentes tipos de montagem / edição e suas origens cinematográficas. O documentário e a informação na televisão. Webdocumentário.	DA-RIN, S. <i>Espelho partido. Tradição e transformação do documentário</i> . Rio de Janeiro: Azouge, 2008. LINS, C. & MESQUITA, C. <i>Filmar o real. Sobre o documentário brasileiro contemporâneo</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 2008. NICHOLS, B. <i>Introdução ao documentário</i> . Campinas: Papirus, 2008.
Webjornalismo	30	2	Impacto das mídias digitais no jornalismo: dimensões organizacional e profissional. Novas narrativas e modelos de negócio. Ferramentas e plataformas para produção e distribuição de notícias. Relações com público e redes sociais. Desafios e oportunidades.	ANDERSON, Chris. <i>Cauda Longa - Do mercado de massa para o mercado de nicho</i> . Rio de Janeiro: Ed. Elsevier Brasil, 2006. CASTELLS, Manuel. <i>A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. DOCTOR, Ken. <i>Newsonomics</i> . São Paulo: Cultrix, 2011.
Sociologia e Estudos de Rede	60	4	O paradigma da Sociedade em Rede. Os sistemas formais de conhecimento teórico e o pensamento sociológico. O nascimento da sociologia: Gabriel Tarde e Emile Durkheim. O problema micro/macro na pesquisa sociológica. Teoria do Ator-rede. Modelo de motim de Granovetter. A influência e o contágio como determinantes do comportamento coletivo. Redes randômicas. Redes livres de escala. Redes por afiliação. Hubs e conectores. Cascatas de informação em Redes Sociais.	ADAMS, Paul. <i>Grouped: how small groups of friends are the key to influence on the social web</i> . Berkeley, CA: Peachpit, 2012 LATOUR, Bruno. <i>Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede</i> . Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc. 2012. WATTS, Duncan. <i>Tudo é óbvio: desde que você saiba a resposta</i> . São Paulo: Paz e Terra. 2011
Cultura de redes	60	4	As mudanças no campo da Comunicação e da Cultura pós-mídias digitais. Capitalismo Cognitivo e as novas forças de produção, resistência e criação. Cultura livre, Software Livre e a crise do direito autoral e da propriedade. Novas economias e o horizonte da gratuidade. A economia pós-Google, a Inteligência coletiva e a multidão. A Construção do Comum e os Commons. Mídia Livre e Mídiativismo. Tecnopolíticas e a democracia. Temas, conceitos e práticas inovadoras no campo da Comunicação e da Cultura.	BENTES, Ivana. <i>Mídia-Multidão. Estéticas da Comunicação e Biopolíticas</i> . Editora Mauad X. AMADEU, Sérgio et alli. <i>Além das Redes de Colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder</i> . EDUFBA. 2009 CASTELLS, Manuel. <i>Redes de indignação e esperança. Os movimentos sociais na era da Internet</i> . Editora Zahar. 2013

Jornalismo em mídias digitais	30	2	História da internet. Cibercultura. Aspectos evolutivos das práticas noticiosas na cultura digital. Paradigmas de tempo e espaço na produção em rede.	KERCKHOVE, Derrick. <i>A pele da cultura. Investigando a nova realidade eletrônica</i> . São Paulo: Annablume, 2009. CASTELLS, M. <i>Hackear el Periodismo: Manual de Laboratorio</i> . Buenos Aires: La Crujía, 2011. CANAVILHAS, João. SATUF, Ivan (Orgs.) <i>Jornalismo para dispositivos móveis</i> . Covilhã: Livros LabCom, 2015
Mídia, Educação e Jornalismo Audiovisual	30	2	A difusão do saber em distintos dispositivos e linguagens. Leituras críticas e criativas das mensagens da mídia para ampliar conhecimentos sobre a realidade social. Relevância da compreensão dos códigos audiovisuais na elaboração e ressignificação dos discursos midiáticos, amparada nas dimensões teórico-metodológicas da media literacy e da análise televisual.	BELLONI, M. L. <i>O que é mídia-educação</i> . 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). SODRÉ, M. A hexis educativa In: <i>Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede</i> . Petrópolis: Vozes, 2008. FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Orgs.). <i>Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância</i> . Campinas: Papyrus, 2008. <u>Bibliografia Complementar</u> MARTÍN-BARBERO, J. <i>A comunicação na educação</i> . São Paulo: Contexto, 2014. BECKER, B. Mídia, <i>Telejornalismo e Educação</i> . Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo: ECA/USP, v,10, n.1, 2016. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/matrizess/article/viewFile/119541/116878

5.3.4 – Jornalismo gráfico e fotográfico

NOME	CH	CR	EMENTA	BIBLIOGRAFIA
Narrativas Gráficas	30	2	Abrangência dos conceitos de narrativa gráfica. Princípios projetuais do design (legibilidade, clareza, pregnância) aplicados a diversos contextos jornalísticos, mesclando texto e imagem em prol da informação. Conceitos teóricos e aplicabilidade voltados para a concretização de gráficos informacionais e ilustrações sequenciadas.	HOLMES, Nigel. <i>Lo Mejor de La Grafica Diagramatica</i> . Rotovision. 1993 PEDROSA, Israel. <i>Da Cor à Cor Inexistente</i> . Leo Christiano Editorial Ltda. 2002 SAMARA, Timothy. <i>Grid, Construção e Desconstrução</i> . Cosacnaify. 2002 <u>Bibliografia Complementar</u> TUFTE, Edward R. <i>Visual Explanations: images and quantities, evidence and narrative</i> . Graphic Press. Cheshire, Connecticut. 1997

Processos Gráficos	60	4	Processos industriais em diferentes formatos. Tipos de impressoras. Tipos de impressão. Equipamentos e filmes. Papéis e tintas. Fotolito. Fotolito digital. Tipos de provas. Escalas de cores. Relação custo/benefício da impressão em gráfica ou bureau. Novas tecnologias.	FERNANDES, Amaury. <i>Fundamentos de produção gráfica para quem não é produtor gráfico</i> . Rubio. MARTINS, Nelson. <i>A imagem digital na editoração: manipulação, conversão e fechamento de arquivos</i> . SENAC Nacional. HORIE, Ricardo Minoru. <i>Arte-Finalização: preparação e fechamento de arquivos PDF</i> . Érica.
Jornalismo Gráfico	60	3	Estética aplicada ao material gráfico. Tipografia. Medidas gráficas. Estilo do projeto gráfico. Semiologia do projeto gráfico. Utilização de ilustrações. Produções gráficas: técnicas de composição e impressão e suas implicações sobre o projeto gráfico.	FOUCAULT, Michel. <i>As Palavras e As Coisas</i> . Martins Fontes. 2002. JONES, Owen. <i>A Gramática do Ornamento</i> . Senac. 2010. MANGUEL, Alberto - <i>Lendo Imagens</i> . Cia das Letras. 2001. <u>Bibliografia Complementar</u> NEWARK, Quentin. <i>O Que é Design Gráfico</i> . Bookman. 2009.
Jornalismo em HQ	30	2	Importância histórica dos quadrinhos: sua origem, seus desdobramentos. Técnicas de concepção, realização e impressão. Os quadrinhos como indústria. Potencial expressivo dos quadrinhos como linguagem: os estilos, as relações com outras formas de expressão, seu lugar no âmbito das modalidades narrativas/discursivas. Narrativa jornalística em HQ.	CAGNIN, A. L. <i>Os Quadrinhos - Linguagem e Semiótica</i> . Editora Criativo, 2013. VERGUEIRO, W.; RAMOS, P.; CHINEN, N. <i>Enquadrando o Real</i> . Editora Criativo, 2016. EISNER, W. <i>Narrativas Gráficas</i> . Devir, 2005.
Fotojornalismo II	60	3	Arte e fotojornalismo. Fotos jornalísticas não noticiosas. Fotojornalismo e internet. Equipamentos digitais.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Fotografia Experimental A/B	30	2	Especialização em teoria e história da fotografia, técnicas e processos experimentais. Fotografia convencional e digital para cinema, vídeo e web.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Fotografia Experimental C/D	60	4	Especialização em teoria e história da fotografia, técnicas e processos experimentais. Fotografia convencional e digital para cinema, vídeo e web.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade

5.3.5 – Gestão e inovação em jornalismo

NOME	CH	CR	EMENTA	BIBLIOGRAFIA
Pesquisa de Opinião Pública e Mercado para Jornalismo	60	4	Conceitos de Opinião Pública. Métodos de pesquisas qualitativa e quantitativa - <i>offline</i> e <i>online</i> . Fundamentos de pesquisa de opinião pública e marketing. Casos aplicados a veículos jornalísticos e blogs: perfil de leitores / ouvintes / telespectadores/internautas; avaliação de produtos – credibilidade, imagem e satisfação com veículos; hábitos de mídia; testes de conceito e produtos; painéis de leitores. Interpretação de dados como gancho para matérias jornalísticas. Ética e legislação.	HABERMAS, Jürgen. <i>Mudança estrutural da esfera pública</i> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. HAIR, J.; et alli. <i>Fundamentos de Pesquisa de Marketing</i> . Porto Alegre: Bookman, 2014. MALHOTRA, Naresh. <i>Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada</i> . São Paulo: Bookman, 2012.
Comunicação e Gerenciamento de Crise	60	4	Crise de imagem: o que é e como administrar? O papel estratégico da comunicação no gerenciamento de crises de imagem. Imagem e reputação. Gestão e comunicação corporativa. O plano de administração de crises e a cultura de prevenção e gestão de riscos. Comunicação de crise, relações com a mídia e relações em rede. A vigilância e o compartilhamento nas mídias sociais. Os desafios da internet.	FORNI, João José. <i>Gestão de crises e comunicação: o que gestores e profissionais de comunicação precisam saber para enfrentar crises corporativas</i> . 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2015. ROSA, Mário. <i>A síndrome de Aquiles: como lidar com as crises de imagem</i> . São Paulo: Editora Gente, 2001. SUNSTEIN, Cass R. <i>A verdade sobre os boatos: como se espalham e por que acreditamos neles</i> . Trad.: Marcio Hack. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
Planejamento Estratégico em Comunicação Organizacional	30	2	Planejamento de Comunicação Organizacional: definição, função e vantagens. Tipos de planejamento: estratégico, tático e operacional. Pesquisa e construção do diagnóstico estratégico. Determinação de objetivos e metas. Elaboração de documentos: plano, programa e projeto. Divulgação e implementação. Controle e avaliação de resultados. ROI: avaliação e mensuração em comunicação. Planejamento da comunicação em situações de crise.	OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. <i>Planejamento estratégico: conceitos, metodologia, práticas</i> . 33ª ed. São Paulo: Atlas, 2015. VASCONCELOS, Luciene Ricciotti. <i>Planejamento de comunicação integrada</i> . São Paulo: Summus Editorial, 2010. YANAZE, Mitsuru Higuchi. <i>Gestão de marketing e comunicação</i> . São Paulo: Saraiva, 2011.

Marketing para Rádio e TV	30	2	Noções de pesquisas de marketing e de audiência. Comportamento da audiência. Análise do ambiente competitivo de RTV. Segmentação. Posicionamento. Composto de marketing para produtos de RTV. Comercialização dos produtos de RTV. Princípios de marketing.	CLARK, Walter e PRIOLLI, Gabriel. <i>O campeão de audiência</i> . São Paulo: Best Seller, 1991. SILVA, Arlindo. <i>A fantástica história de Silvio Santos</i> . São Paulo: Editora do Brasil, 2000, 3a. edição. KOTLER, Philip. <i>Administração em Marketing: análise, planejamento, implementação e controle</i> . São Paulo: Atlas, 1996.
Gestão de Mídias Sociais	60	4	Modelos de Negócios para Mídias Sociais. Diagnóstico do mercado digital. Monitoramento de Mídias Sociais. Indicadores de performance. Ferramentas e aplicativos. Produção e gestão de conteúdo. Marketing e campanhas em Mídias Sociais.	TORRES, Claudio. <i>A bíblia do marketing digital</i> . Rio de Janeiro: Novatec, 2009. GABRIEL, Martha. <i>Marketing na era digital</i> . Rio de Janeiro: Novatec, 2010. KOTLER, Philip. <i>Marketing 3.0</i> . Rio de Janeiro: Campus, 2010.
Comunicação Psicologia e Consumo	60	4	Psicologia e comunicação publicitária: a questão dos estímulos. Estilos de vida e consumo. A questão teórica do consumo. Subjetividades, emoções e comportamento humano. O consumo como prática cultural. Estilos de vida e consumo.	PICHON-RIVIÈRE, E., QUIROGA, Ana Pampliega de. <i>Psicologia da Vida Cotidiana</i> . Trad. Cláudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes, 1998. BAUMAN, Z. <i>Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. <i>O mundo dos bens para uma antropologia do consumo</i> ; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

5.4 – Atividades complementares

NOME	CH	CR	DESCRIÇÃO	BIBLIOGRAFIA
Atividades Didáticas	150	10	Frequência e aprovação em disciplinas de livre escolha não previstas no currículo do curso.	Bibliografia recomendada pelo coordenador da atividade
Atividades Acadêmicas	45	1	Participação em projetos de iniciação científica, pesquisa experimental, monitoria didática ou em congressos e eventos acadêmicos e profissionais relacionados ao curso.	Não se aplica

6 - Adequação à Legislação

O curso de Jornalismo atende ao Decreto nº5.626/2005, que institui o ensino de LIBRAS, com a oferta da disciplina complementar “Estrutura da Língua Brasileira de Sinais I”, ministrada pelo curso de Letras, como em todas as unidades da UFRJ.

Referente à resolução NE/CP nº 01/2012, o curso de Jornalismo cumpre a exigência de Educação em Direitos Humanos, oferecendo semestralmente a opção de inscrição em disciplinas complementares oferecidas pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH/ UFRJ).

No que tange a Lei nº 9.795/1999 e o Decreto nº 4.281/2002, referentes à integração da Educação Ambiental, o curso oferece a disciplina complementar “Jornalismo Ambiental”, cuja ementa está detalhada no item em 5.4.2.

Já no que diz respeito à temática da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Resolução CNE/CP nº 1/2004), o curso de Jornalismo inclui a disciplina obrigatória “Cultura e Relações Étnico-Raciais no Brasil”, cuja ementa está detalhada no item em 5.1.

Além da oferta de disciplinas específicas, todas essas temáticas são abordadas de modo transversal, contínuo e permanente nas disciplinas específicas de Jornalismo, na forma pautas e reportagens e em atividades pedagógicas direcionadas a estas questões sociais.

7 - Regras de transição curricular

O currículo do curso de Jornalismo será implementado gradativamente, à medida que a primeira turma progride. A grade do currículo anterior será mantida para os alunos do atual curso de Comunicação Social: Habilitação Jornalismo, nas condições abaixo especificadas:

I – Os alunos que em 2018-2 estiverem no Ciclo Básico de Comunicação Social e, ao final do terceiro período, optarem pela Habilitação Jornalismo, devem concluir o curso com base nos critérios do currículo anterior.

a) Para fazer jus à promoção ao ciclo profissional da Habilitação Jornalismo o aluno que estiver no Ciclo Básico de Comunicação Social em 2018-2 deverá cumprir um mínimo de quinze disciplinas obrigatórias do Ciclo Básico, além de

dois laboratórios de Comunicação. Quando atinge essas condições, é facultado ao aluno aguardar (para exercer o direito de escolha) até, no máximo, um período adicional cursando disciplinas faltantes ou complementares.

b) O aluno que ascender ao ciclo profissional de Jornalismo sem ter cumprido algum crédito obrigatório do Ciclo Básico de Comunicação Social deverá cursar essa(s) disciplina(s) até o término de sua graduação.

c) A escolha da Habilitação Jornalismo ao fim do Ciclo Básico de Comunicação Social será possível até cinco períodos após o início do novo currículo.

II – Os alunos que em 2019-1 estiverem no quarto período, ou em período posterior, devem concluir o curso com base nos critérios do currículo anterior.

III – As disciplinas comuns aos dois currículos serão oferecidas a todos os alunos com as ementas do currículo novo.

IV – Disciplinas de conteúdos similar mas com nomes ou ementas diferentes serão implementadas simultaneamente para alunos dos dois currículos.

V – As disciplinas obrigatórias do currículo anterior que deixarem de ser oferecidas devem ser substituídas por disciplinas do currículo novo, uma vez estabelecidas as equivalências.

VI – Disciplinas do novo currículo que tenham equivalência com disciplinas complementares de Habilitação e complementares de Teoria do currículo anterior contam crédito para esses dois grupos, respectivamente.

VII – Disciplinas do novo currículo sem equivalência com o currículo anterior podem ser cursadas como Complementares de Livre Escolha.

VIII – Os alunos ingressantes em 2019-1 devem cumprir o novo currículo integralmente.

IX – Qualquer situação não prevista nas regras de transição será analisada pela coordenação de graduação em Jornalismo e encaminhada ao Condep.